

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

**MARINA WAECHTER TRINDADE**

**REGINA SIMONIS (1900 – 1996):**  
trajetória de vida e legado artístico

Porto Alegre

2019

**MARINA WAECHTER TRINDADE**

**REGINA SIMONIS (1900 – 1996):**

trajetória de vida e legado artístico

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharela em História da Arte.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo Gomes

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Orientador)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Bosak de Figueiredo

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Viviane Ramos

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Porto Alegre

2019

*“Penso que não há nada mais artístico do  
que amar verdadeiramente as pessoas.”  
(Vincent van Gogh)*

## AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais, Ingrid e Bira, por serem eternamente minha fonte de criatividade e persistência. Foi pelo incentivo de vocês e do nosso caro amigo Belchior (*In Memoriam*) que decidi cursar História da Arte.
- À minha vó, Renata, que sempre me cedeu sua casa, seus abraços e seus conselhos, enquanto eu escrevia este trabalho.
- Ao meu querido orientador, Paulo Gomes, pela sabedoria transmitida e por ter sido tão entusiasta com a minha proposta de tema. Tu és um exemplo pra mim!
- Às minhas professoras de História da Arte, Kátia Pozzer e Joana Bosak, por percorrerem este longo caminho comigo, desde 2015, quando decidi pesquisar a Regina Simonis. E, claro, à professora Paula Ramos, que gentilmente aceitou participar da banca e, durante a pesquisa, ofereceu-me referências e conselhos.
- Aos familiares da Regina Simonis, Guido Koehler, Leonardo Koehler, Sandra Richter, Adroaldo Etges, Virginia Etges e Luiz Etges – que tanto me divertiram contando suas histórias –, por terem sido atenciosos e pacientes comigo, cedendo-me tempo para as entrevistas.
- À minha amiga Carol, que foi minha grande parceira de estudos, por cinco anos, no Instituto de Artes, pela sua delicadeza e por sempre ter acreditado em mim.
- E, por fim, mas não menos importante, à artista Regina Simonis, que mesmo eu não tendo conhecido, continua me ensinando e influenciando a amar o mundo das artes.

## RESUMO

Este trabalho pretende recuperar a trajetória de vida e o legado artístico de Regina Simonis (1900 – 1996), renomada artista santa-cruzense. Por meio de uma pesquisa documental em acervos e arquivos históricos de Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, e da realização de entrevistas com familiares e amigos, foi construída, a partir de uma narrativa cronológica, a elaboração de uma monografia sobre a história desta artista, tão pouco estudada. Busco, assim, contribuir com a história da arte do Rio Grande do Sul no século XX, enfatizando a colaboração de uma das primeiras mulheres de Santa Cruz do Sul a desempenhar a profissão de artista plástica na sua comunidade, quando decidiu sair do interior para morar na capital e estudar no Instituto de Belas Artes, durante os anos 1929 a 1934.

**Palavras-chave:** Regina Simonis. Instituto de Belas Artes. Casa das Artes Regina Simonis. Artistas mulheres. Arte no Rio Grande do Sul.

## ABSTRACT

This research aims to recover a life trajectory and artistic legacy of Regina Simonis (1900 – 1996), renowned Santa Cruz artist. Through a documentary research in collections and historical archives of Santa Cruz do Sul and Porto Alegre and in conducting interviews with family and friends, I built, from a chronological narrative, the elaboration of a monograph about the history of this artist. I try to contribute to the art history of Rio Grande do Sul in the twentieth century, emphasizing the collaboration of one of the first women of Santa Cruz do Sul to play the role of artist in her community, when she decided to leave the countryside to live in the capital and study at the Institute of Fine Arts, from 1929 to 1934.

**Keywords:** Regina Simonis. Institute of Fine Arts. Regina Simonis House of Arts. Women artists. Art in Rio Grande do Sul.

## **SIGLAS**

<b>AHIA</b>	Arquivo Histórico do Instituto de Artes
<b>CARS</b>	Casa das Artes Regina Simonis
<b>IA UFRGS</b>	Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>IBA</b>	Instituto de Belas Artes
<b>ILBA</b>	Instituto Livre de Belas Artes
<b>MARGS</b>	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
<b>POA</b>	Porto Alegre
<b>RS</b>	Rio Grande do Sul
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UNISC</b>	Universidade de Santa Cruz do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>REGINA SIMONIS: GENEALOGIA DE UMA ARTISTA .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A FORMAÇÃO DE UMA ARTISTA .....</b>	<b>23</b>
3.1	O INSTITUTO DE BELAS ARTES .....	24
3.2	A ALUNA .....	27
3.3	DA ARTE UM OFÍCIO, DAS FLORES UMA PROFISSÃO .....	49
<b>4</b>	<b>LEGADO ARTÍSTICO .....</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
	<b>APÊNDICES</b>	
	<b>APÊNDICE A - Cronologia de Regina Simonis .....</b>	<b>77</b>
	<b>APÊNDICE B - Inventário das obras .....</b>	<b>79</b>
	<b>APÊNDICE C - Entrevista com Sandra Richter .....</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICE D - Depoimento de Luiz Etges .....</b>	<b>89</b>
	<b>APÊNDICE E - Entrevista com Leonardo Koehler .....</b>	<b>91</b>
	<b>APÊNDICE F - Entrevista com Guido Koehler .....</b>	<b>96</b>
	<b>ANEXOS</b>	
	<b>ANEXO A - Carta da Irmã Agostinha para Regina Simonis.....</b>	<b>100</b>
	<b>ANEXO B - Termos de Consentimento .....</b>	<b>102</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Regina Simonis nasceu no distrito de Boa Vista, interior de Santa Cruz do Sul, em 1900. Filha de um professor e neta de imigrantes alemães, dedicou sua vida à carreira de artista e floricultora, enquanto a maioria de suas irmãs terem preferido a religião. Com 29 anos, decidiu ingressar no Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre, para estudar desenho e pintura. Simonis foi aluna dos mestres Francis Pelichek (1896 – 1937) e Libindo Ferrás (1887 – 1951) e, durante seu percurso na capital, produziu obras baseadas em estudos do corpo humano, na arte do retrato e natureza morta.<sup>1</sup> O objetivo deste trabalho é resgatar o legado artístico desta artista, traçando sua trajetória de vida a partir de documentos primários e entrevistas com familiares.

Apesar do ótimo domínio de técnicas em suas pinturas e desenhos, a artista demorou para ser reconhecida em sua cidade natal. Foi a partir de uma visita que recebeu de seu sobrinho, Guido Koehler, que Regina Simonis escolheu vender algumas de suas obras. Aos poucos, seu trabalho foi-se afirmando na sociedade santa-cruzense e, no fim de sua vida, em 1995, a artista foi oficialmente reconhecida quando o prédio do antigo Banco Pelotense<sup>2</sup> recebeu a denominação de Casa das Artes Regina Simonis. Atualmente, a Casa das Artes é um dos espaços culturais de maior relevância da cidade. O prédio é situado no Centro Histórico de Santa Cruz do Sul, na Rua Marechal Floriano, com suas lindas alamedas de tipuanas, mais conhecida como “Túnel Verde”.

Seu nome tornou-se um símbolo cultural para Santa Cruz do Sul pois, como foi constatado nas entrevistas<sup>3</sup>, Regina Simonis foi a primeira mulher a sair do interior para receber um diploma de Artes Plásticas do Instituto de Belas Artes (IBA). Tendo em vista que, para sua época, não era comum uma mulher solteira ir estudar na capital, tornou-se um exemplo para futuros artistas de sua cidade. Porém este carinho pela artista infelizmente só ocorreu em Santa Cruz do Sul. Regina Simonis merece obter seu devido reconhecimento como uma artista do Rio

---

<sup>1</sup> Durante as primeiras décadas da implantação do Curso de Artes do Instituto de Belas Artes, o ensino e a produção artística eram centrados no estudo da paisagem, do corpo humano e na natureza-morta. Os alunos reproduziam princípios rigorosos, oriundos da tradição acadêmica europeia do século XIX (GOMES, 2007, p. 42).

<sup>2</sup> [...] Seguindo a linha de ocupação de prédios históricos para o abrigo de equipamentos culturais, a Associação Pró-Cultura de Santa Cruz, igualmente após anos de reivindicações, conseguiu a posse, em 1995, junto ao governo do Estado, do antigo prédio do Banco Pelotense, mantendo, em seus amplos espaços a Casa das Artes Regina Simonis, contando com programação e atividades diversificadas, incluindo exposições, projeções de filmes, cursos de artes plásticas e música (WINCK, 2002, p. 149).

<sup>3</sup> Em todas as entrevistas, conversas casuais e reportagens de jornais que consultei para a pesquisa, consta que não há conhecimento de alguma outra mulher ter saído de Santa Cruz do Sul para estudar artes plásticas em Porto Alegre. Ou seja, Regina Simonis é considerada a primeira mulher santa-cruzense a adquirir o diploma de artista plástica.

Grande do Sul, e esta é uma das muitas razões pelo qual decidi escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre ela.

Apesar de não possuir uma vocação para artes plásticas, também sou da mesma cidade que a artista e decidi ir para Porto Alegre estudar no Instituto de Artes da UFRGS. Minha afeição pela cidade é grande e, desde muito pequena, meus pais me introduziram num mundo recheado de livros sobre artistas e de viagens culturais. Até os meus seis anos, estudei na Escolinha de Arte e depois, no Colégio Mauá. Durante este período, frequentemente escutava o nome de Regina Simonis e da Casa de Artes, mas as informações eram sempre muito vagas.

Meu interesse sobre a vida e obra de Regina Simonis iniciou em 2015, quando cursei a disciplina de Laboratório de Pesquisa I do Bacharelado em História da Arte, ministrada pelas professoras Dr.<sup>a</sup> Joana Bosak e Dr.<sup>a</sup> Kátia Pozzer. Nesta aula, meu dever era de apresentar uma pesquisa utilizando fontes primárias e que fosse um tema de meu agrado. Meu intuito era de pesquisar sobre uma figura relevante e de preferência que fosse uma artista mulher, pois parto do princípio que o lugar da mulher é também na história, e ela quase sempre luta para ultrapassar limites que lhe são impostos.

Recordei, então, dos momentos que eu ouvia falar da Regina Simonis na minha cidade natal. Comentários breves de pessoas que se queixavam por não existir um livro ou algum registro mais completo sobre esta artista. A curiosidade de compreender e conhecer quem foi ela, que, desde 1995, eternizou seu nome num dos espaços culturais de Santa Cruz do Sul foi florescendo na citada disciplina de Laboratório. Na elaboração desse trabalho, pude observar a falta de catalogação das obras que estão presentes na CARS e a escassez de estudos sobre Regina Simonis. Praticamente todo o material adquirido nesta primeira pesquisa foi retirado de reportagens de jornais e conversas que tive com familiares da artista. Percebi, então, a necessidade de difundir o meu conciso conhecimento sobre Simonis.

A bibliografia sobre Regina Simonis é precária. Há uma obra não publicada, escrita por descendentes da família Assmann, na qual constam três capítulos sobre a família Simonis, por serem procedentes dos mesmos. Um dos capítulos é especificamente sobre a artista e outro, sobre a Casa das Artes. Além disso, há um texto escrito pela professora e sobrinha-neta da artista, Sandra Richter, para uma exposição que ocorreu na CARS em 2002. Em uma das tantas visitas que fiz ao sobrinho de Simonis, Guido Koehler, encontrei uma pasta contendo dezenas

de reportagens de jornais sobre Regina Simonis. Com isso, iniciei também o levantamento deste material e fiz uma espécie de hemeroteca<sup>4</sup> da artista santa-cruzense.

Porém, o principal meio desta pesquisa está na análise das fontes primárias: correspondências e diários, fotografias, registros documentais do Instituto de Belas Artes, entrevistas, obras de arte, cadernos de aula, periódicos, entre outros. Minha atividade preferida dessa pesquisa foi ir ao encontro destas fontes. Visitei instituições em Porto Alegre, como o Arquivo Histórico do IA UFRGS e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Na capital, também fui à casa do artista Luiz Etges (1953), que é sobrinho-neto de Regina Simonis e me mostrou algumas fotografias da tia e quadros da mesma. Em Santa Cruz, visitei, claramente, a Casa das Artes Regina Simonis, mas além disso fiz boa parte da pesquisa na antiga casa da artista em Boa Vista, que atualmente é um lugar turístico, denominado Pousada Camponesa.

A fonte mais rica é a casa de Guido Koehler (1940), sobrinho e herdeiro de Regina Simonis. O material que encontrei lá foi extremamente necessário para a formação deste trabalho, pois possuíam quantidade e qualidade abundantes. Muitas obras que estão no domínio de Koehler são inéditas como, por exemplo, uma antiga pasta que contém mais de 30 estudos de Regina Simonis durante seu tempo como egressa do IBA. A vastidão de cartas e de periódicos que Guido possui sobre a artista são de tirar o fôlego. Há também seu irmão, Leonardo Koehler (1926), que mantém um acervo com mais de 15 obras de Regina, em sua maioria pinturas em madeira.

As entrevistas que foram realizadas fazem parte do método escolhido para coleta de dados. Primeiro, fui ao encontro do familiar, apresentei minha proposta de pesquisa, conversei sobre detalhes que considero importantes sobre a vida de Regina Simonis e registrei, por meio da fotografia e da escrita, o material que o entrevistado possuía sobre a mesma. Após analisar o conteúdo adquirido, preparei uma entrevista semiestruturada, o qual significa que mesmo havendo um roteiro, o diálogo não deixava de estar presente, permitindo maior flexibilidade para se aprofundar em determinado assunto. Quando o modelo do questionário estivesse pronto, que se baseava em torno de dez perguntas, o segundo ou até mesmo terceiro encontro com o familiar era marcado. Importante deixar claro que esse método só foi possível pois alguns dos familiares eu já conhecia, e todos residem na mesma cidade (Santa Cruz do Sul).

---

<sup>4</sup> Hemeroteca são coleções ou conjuntos organizados de periódicos, como jornais ou revistas. Neste caso, selecionei os jornais que Guido Koehler possui sobre sua tia e os organizei por ordem cronológica, registrando também o nome do periódico e o assunto específico, para assim a pesquisa se tornar mais ágil.

Trabalhar com a memória tem se tornado um desafio constante para mim, pois cada familiar recriou uma personagem nas suas lembranças com a artista. Juntamente aos documentos que tinha em mãos, tentei verificar a veracidade dos fatos e das datas, para assim não gerar confusão para o leitor. Essa parte foi indispensável para a pesquisa, pois através desta memória dos entrevistados adquiri informações preciosas que nunca constaram nas reportagens de jornais ou na bibliografia existente sobre o tema. Também, durante a pesquisa, percebi que não há arquivo algum sobre a artista Regina Simonis, na Casa das Artes Regina Simonis (CARS) ou no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Dessa forma, faz-se importante evidenciar a importância deste trabalho, por estar informando detalhes inéditos e, assim, dando forma à primeira pesquisa aproximadamente completa da artista.

As obras de Regina Simonis que estão à disposição para o público, em Santa Cruz do Sul, são as da CARS, mas, infelizmente, estão em condições precárias de conservação e armazenagem. Algumas obras apresentam sinais de danificação por estarem presentes em uma sala úmida e imprópria para o armazenamento de obras de arte. Por esta razão, neste trabalho, constam apenas fotografias das obras que apresentam um melhor estado de conservação.

Esta monografia pretende apresentar a artista e suas obras, traçando sua trajetória de vida, em Santa Cruz do Sul e em Porto Alegre. Estudar a trajetória de vida de um indivíduo distingue de realizar uma biografia do mesmo. Para Born (2001)<sup>5</sup>, a trajetória de vida é um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, sendo determinada, geralmente, pela frequência dos acontecimentos, sua duração e localização. Já a biografia traz a interpretação subjetiva da trajetória de uma pessoa, ou seja, sua opinião sobre os acontecimentos, motivos e planos para o futuro.

A pesquisa, por resgatar a história daquela que dá nome a uma casa de cultura e que também é considerada a primeira mulher santa-cruzeira a sair do interior para estudar artes visuais no IBA terá um valor histórico imprescindível. Sobre seu levantamento final, acredito que será de grande interesse tanto para o acervo histórico do Instituto de Artes da UFRGS e da Casa das Artes Regina Simonis, quanto para a comunidade de Santa Cruz do Sul.

Tratando-se de um trabalho com caráter biográfico, utilizarei a ordem cronológica para narrar os fatos pessoais e profissionais da vida de Regina Simonis, buscando dar sentido à narrativa mediante a documentação encontrada durante a pesquisa, acompanhado da bibliografia apropriada do tema.

---

<sup>5</sup> BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 238-263, jan/jun 2001.

Esta monografia possui três capítulos, sendo que o primeiro aborda questões da descendência alemã da artista. Seu avô, Peter Constantin Simonis (1812 – 1864), junto de sua mulher e seus filhos, trouxe consigo da Alemanha um piano e uma bíblia, com o objetivo de encontrar um lugar melhor para viver e instaurar cultura e religião para a população que encontrou nas terras que decidiu viver, no interior de Santa Cruz do Sul. Também trata sobre a família de Regina Simonis, mais precisamente sobre seus pais e suas Irmãs freiras. Tento procurar entender por onde Simonis percorreu antes de decidir estudar Desenho e Pintura no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, então apresento algumas particularidades de sua formação.

O segundo capítulo é formado por três partes e resumidamente é dedicado a formação da artista no Instituto de Belas Artes – IBA, bem como a trajetória deste espaço que nos é tão instrutivo e singular. Primeiramente, busco trazer dados sobre o Instituto que torne mais fácil para o leitor a compreensão deste trabalho. Depois, percorro pelos anos em que Simonis estudou com os consagrados professores Francis Pelichek e Libindo Ferrás, trazendo obras inéditas da artista, alguns comentários dos diários de Pelichek e outros registros, como sua matrícula e seu diploma. Por fim, faço uma breve apresentação sobre a segunda paixão de Regina Simonis, as flores e seu jardim, sua principal fonte de renda após deixar Porto Alegre em 1934 para voltar a morar no interior.

O terceiro e último capítulo trata sobre o legado artístico de Regina Simonis. Faço um breve histórico da Casa das Artes e da Associação Pró-Cultura de Santa Cruz, que foi quem decidiu prestar homenagem à artista, eternizando seu nome num dos prédios mais bonitos da cidade. Também apresento o Museu do Colégio Mauá, outra instituição que abriga obras da artista. O final deste capítulo é dedicado àqueles que hoje possuem obras de Regina Simonis, em suas residências, prestigiando, assim, a memória da primeira mulher artista da cidade.

**Figura 1 – Regina Simonis ao lado de sua obra, por volta de 1990**



Fonte: Arquivo Histórico da Casa das Artes Regina Simonis.

## 2 REGINA SIMONIS: GENEALOGIA DE UMA ARTISTA

Regina Simonis nasceu no dia 11 de junho de 1900, no interior de Santa Cruz do Sul, no distrito de Boa Vista. A casa em que nasceu e viveu sua infância continua intacta, fazendo parte de um dos pontos turísticos de Boa Vista. Envolvida por montanhas, com uma vista verde, foi lá que nasceram também seus pais, Guilherme Simonis (1857 – 1935) e Gertrudes Stuelp (1858 – 1939). A história desta família no interior do Rio Grande do Sul iniciou no século XIX, quando vieram a fixar suas raízes no Brasil, após decidirem se mudar da Alemanha.

Para entender a origem da família Simonis, foi necessária a leitura de um dos documentos mais preciosos que me veio a conhecimento durante esta pesquisa: O “diário de viagem”<sup>6</sup> de Peter Constantin Simonis, avô de Regina Simonis, escrito em alemão que traz relatos desde 1854, quando saiu da província de Briedel, na Alemanha, a procura de um lugar mais seguro para viver. Este diário pode ser considerado um documento histórico, não só por trazer consigo elementos que comprovam as origens da família Simonis, como também aspectos minuciosos de como os viajantes daquela época se aventuravam ao mar em busca de um novo lar e de uma nova pátria para viver. Podemos nos certificar, ao ler o diário, que as dificuldades e os desafios de quem pretendesse chegar ao Brasil eram enormes.

Com o propósito de deixar um registro histórico, descendentes desses imigrantes alemães decidiram documentar o legado de alguns dos registros que Peter Constantin deixou ao falecer em 1864. Foi assim que surgiu a obra *Genealogia, Imigração: Crônica das Famílias Assmann e Simonis*<sup>7</sup>, a qual traz uma seleção rara de textos sobre estas famílias. Na forma de poemas, cartas, ensaios e diários foi construída esta especial obra, tão sonhada por Edmundo José Assmann (1933 – 2019) e Celso Assmann Schoerpf (1941), o qual, neste ano, traduziu para o português o “diário de viagem” do patriarca Simonis.

Em 26 de abril de 1854, Peter Constantin Simonis partiu de Briedel, Alemanha, rumo ao Brasil, com sua mulher Katharina Franziska Göllen (1818 – 1900) e seus filhos. O avô de Regina Simonis narra com detalhes as conversas que mantinha por longas horas com os tripulantes do navio como forma de amenizar os momentos difíceis da viagem em alto mar.

<sup>6</sup> O avô de Regina Simonis, Peter Constantin Simonis, narrou detalhadamente as suas “*Reiseerlebnisse*”, desde a partida da Alemanha até sua chegada no interior do Rio Grande do Sul. O “Diário de Viagem” foi publicado pela revista “Paulus Plat” em diversos capítulos, durante os anos 1922 e 1923 (BOROWSKY, 2018, p.1).

<sup>7</sup> ASSMANN, Edmundo José (org). *Genealogia, Imigração: Crônica das Famílias Assmann e Simonis*. Santa Cruz do Sul: [s.d.]. Esta obra me veio à conhecimento em setembro de 2019, quando li uma reportagem no jornal Gazeta do Sul sobre o 3º Encontro da Família Assmann, que aconteceu em Linha Santa Cruz dia 21 de setembro de 2019. Me comuniquei com um dos organizadores do evento, o professor Celso Assmann Schoerpf, que gentilmente me disponibilizou a obra via e-mail. Contendo 166 páginas, entre fotografias, documentos históricos e ensaios. Esta obra nunca foi publicada pois foi realizada especialmente para apresentação no evento da família.

Fez um relato sobre as diferenças das refeições brasileiras e europeias, também sobre as tempestades que tiveram o azar de vivenciar e, claro, sobre as doenças que atingiram a população no navio. Chegaram no Rio de Janeiro no dia 26 de junho de 1854 e Peter Constantin logo escreveu algumas conclusões que teve sobre a sua primeira visita a uma cidade brasileira:

Rio de Janeiro é uma cidade grande com 300.000 habitantes, dos quais 80.000 são negros e 5.000 alemães. É uma magnífica cidade, a qual não necessita ir à Europa para aprender acerca de arte. Especialmente as igrejas superam em adorno e beleza como em riqueza as igrejas da Europa. Apesar disto, reina pouca religião, pois nos domingos ia-se trabalhando quase como em dias comuns de trabalho (Peter Constantin Simonis *apud* ASSMANN, 2019, p. 94).

Logo após esses primeiros contatos com a cidade do Rio de Janeiro, a família Simonis viajou para o Rio Grande do Sul, residindo em Rio Pardo por alguns dias. Peter Constantin relata que, em poucos dias, surgiu uma oportunidade para comprar uma área de terras nas proximidades das primeiras colônias, junto à cidade de Santa Cruz do Sul, quando de sua chegada, no dia 28 de agosto de 1854. A partir desta data, seu diário de viagem é interrompido. Porém, ao longo dos anos, muitas cartas de sua autoria eram endereçadas aos seus familiares na Alemanha, cartas estas que, felizmente, foram na sua maioria guardadas por seus descendentes, as quais contam com detalhes sua experiência de viver no Sul do Brasil.

O avô de Regina Simonis começou a desbravar as terras de Boa Vista e foi lá, junto com seus filhos e sua mulher, que iniciaram suas primeiras plantações ao lado da ampla casa em que construíram para morar. A casa, uma das primeiras da localidade, foi projetada na metade do século XIX. Encontra-se rodeada de verdes montanhas, árvores de camélias e palmeiras. Atualmente, é local de turismo, fazendo parte de um roteiro turístico idealizado pelo município de Santa Cruz do Sul. O sobrinho-neto de Regina Simonis, Adroaldo Etges, juntamente com a mulher e filhos, moram nesta casa, reformada recentemente. Pelo que pude observar, os mesmos criaram um vínculo afetivo e um apreço muito especial pela propriedade. A casa onde Regina Simonis morou foi transformada em uma aprazível pousada rural e, pelo que constatei, muito requisitada pelos turistas.

Peter Constantin Simonis relata, em suas cartas direcionadas a seus familiares, que no início de sua vida em Boa Vista tinha muitas dificuldades em convencer os demais moradores, também alemães e católicos, a ajudarem na construção de uma Capela nesta localidade. Estas limitações, no entanto, nunca o impediram de manter um ritual religioso nos domingos e dias santos para ele e sua família. Aos poucos, os vizinhos foram se convencendo da importância de tal atitude de Peter Constantin, um homem visionário que via na religião, uma forma de unir a comunidade e enfrentar as dificuldades comuns para a época. Então, depois de muitas

tentativas, alguns vizinhos se mobilizaram e foram ao encontro dos Simonis para prestigiarem, juntos, a celebração de uma noite de Natal. Foi assim que, com dedicação e empenho, Peter Constantin foi encantando seus vizinhos, até os mais distantes, a providenciarem uma Igreja e um padre alemão em sua comunidade.

Segundo consta em documentos que agora pertencem ao acervo da família Etges<sup>8</sup>, em Boa Vista, foi, também, por iniciativa do avô de Regina Simonis que se ergueu a primeira escola em Linha Santa Cruz, localidade próxima da residência dos Simonis. Isto demonstra a importância desta família para a realização e construção educacional, cultural, social e religiosa nas localidades de Boa Vista e Linha Santa Cruz. Consta que Peter Constantin foi professor de Religião por alguns anos nesta mesma Escola. O fato de ter trazido da Alemanha um piano, demonstra o quanto o avô de Regina Simonis prezava a cultura de um modo geral.

Tamanha dedicação não poderia ficar indiferente e algo maior aconteceu. Seu mérito foi recompensado ao ser indicado para dirigir a primeira Sociedade de Canto de Santa Cruz do Sul. Ao descrever o serviço religioso em sua residência, Peter Constantin Simonis comenta:

A minha moradia, posto que fosse muito pequena para, especialmente nos domingos, acolher a multidão de pessoas, foi estabelecido o procedimento de, aos domingos, celebrar-se a missa no bosque. Como, [...] detinha eu, próximo à minha casa, em uma elevada, uma fração de mato que eu mantive, o qual para mim e minha família deveria servir como Capela de Natureza. Este foi, pois, por ordem do Missionário, através de oito adolescentes, transformado em uma Igreja da Natureza e um altar e uma grande Cruz de Missões foram ali erguidos (Peter Constantin Simonis *apud* ASSMANN, 2019, p.128).

Além deste amor pela sua religião, percebe-se que o imigrante Peter Constantin era uma pessoa culta e prestativa, fato que, possivelmente, proporcionou a ele tornar-se professor, músico e conselheiro em sua região. Enquanto ainda não havia igrejas na cidade, as missas ocorriam na casa da família Simonis. Segundo seu descendente Celso Assmann Schoerpf, Peter Simonis:

Sempre valorizou a música e a arte, e fez questão de trazer o seu *harmônio* para o Brasil. Enquanto sua saúde permitiu, dava aulas para as crianças. Por um bom tempo, hospedou o padre *José Stiir*, um dos primeiros a atender os imigrantes alemães da região. Os descendentes de *Peter Konstantin* tinham no sangue a arte, a fé e o dom de ensinar. Seu filho *Guilherme* tornou-se professor em Alto Boa Vista. A filha de *Guilherme*, *Regina Simonis*, neta de *Peter Konstantin*, foi uma das pintoras mais importantes da história de Santa Cruz (ASSMANN, 2019, p. 139).

---

<sup>8</sup> Ao visitar a propriedade que Peter Constantin Simonis construiu em Boa Vista, fui recebida pelo atual proprietário da casa e também familiar dos Simonis, o agricultor Adroaldo Etges. Na oportunidade, ele me mostrou uma pequena sala em que contém um baú com diversos documentos históricos sobre sua família. Há cartas, reportagens de jornais, desenhos de Regina e de suas irmãs. Entre outros, há também a bíblia do pai de Regina Simonis, de 1870, toda escrita em alemão.



Katharina Gölle e Peter Constantin casaram-se na Alemanha em 1842, tendo o total de nove filhos. Os quatro primeiros nasceram na Europa, sendo que os demais filhos nasceram no Brasil, mais precisamente na primeira moradia construída por Simonis, em Boa Vista. O sexto filho de Katharina e Peter, Guilherme Simonis, nasceu em 28 de janeiro de 1857 e tornou-se professor, assim como seu pai. Aos 23 anos, Guilherme casou-se com Gertrudes Stuelp (Figura 2), sendo que, o fruto deste casamento originou dez filhos, dos quais, Regina Simonis, a penúltima a nascer.

**Figura 2 – Fotografia de Guilherme Simonis e Gertrudes Stuelp, pais de Regina Simonis, por volta de 1920**



Fonte: Acervo pessoal da família Etges.

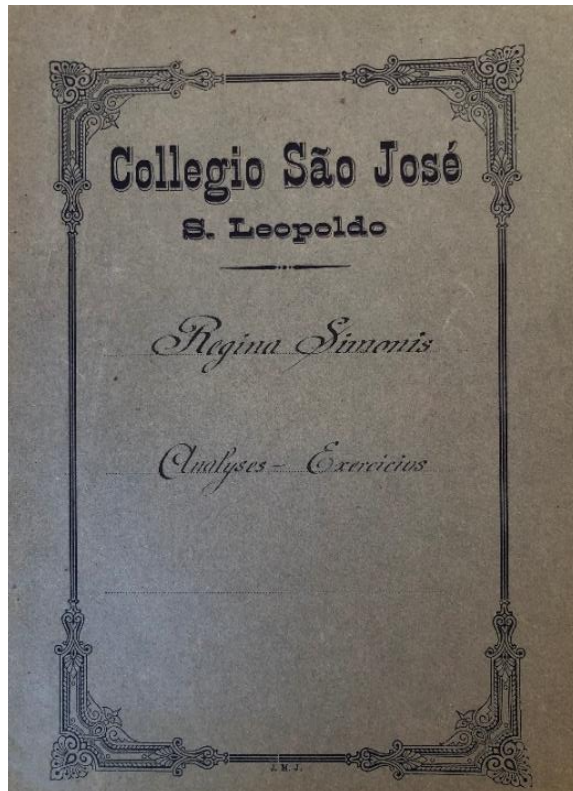
A infância de Regina Simonis foi um mistério durante esta pesquisa. Em uma reportagem de 2003, do antigo jornal-laboratório do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UNISC, a jornalista Cristiana Mueller comenta que “a pequena Regina, assim como muitas crianças e filhos de agricultores, [...] teve que ajudar no plantio e na colheita de alimentos e de fumo para a renda da família até seus 17 anos” (MUELLER, 2003, p. 10)<sup>9</sup>.

Não encontrei documentos suficientes para montar uma cronologia precisa de onde e quando estudou. Creio eu que, como seu pai era professor, Regina e seus irmãos devem ter estudado na escola de Boa Vista, que foi idealizada e planejada pelo seu avô. O ano de 1916

<sup>9</sup> MUELLER, Cristiana Verônica. Vida e arte de Regina Simonis. Unicom, Santa Cruz do Sul, n.03/ano 07, junho de 2003. P.10.

aparece em alguns cadernos de Regina Simonis pertencentes ao Colégio São José, de São Leopoldo, que encontrei escondidos no baú de sua antiga casa (Figura 3). Nestes, há diversos exercícios da língua portuguesa e comentários das Irmãs que os corrigiam, muitas vezes parabenizando a jovem.

**Figura 3 – Caderno de Exercícios de Regina Simonis, do Colégio São José, 1916**



Fonte: Acervo pessoal da família Etges

Na família Simonis, como já foi demonstrado, a religião era relevante e muito significativa no cotidiano deles. O avô de Regina foi considerado um líder religioso no interior de Santa Cruz do Sul e, depois, seu pai também manteve as atividades religiosas com seus dez filhos. Algumas das irmãs mais velhas de Regina Simonis se tornaram freiras da Ordem Franciscana. Segundo algumas cartas, atualmente sob o domínio de Guido Koehler, as Irmãs Tarcila, Manoela, Márcia e Agostinha estudaram inicialmente no Colégio São José, em São Leopoldo. O colégio foi fundado em abril de 1872 pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis<sup>10</sup>, todas procedentes da Alemanha.

<sup>10</sup> COLÉGIO SÃO JOSÉ. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <http://www.saojosesl.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Infelizmente, a tentativa de me comunicar com o Colégio São José não foi tão satisfatória. Havia pedido para localizarem o nome de Regina Simonis ou de suas irmãs religiosas no arquivo do colégio para, talvez, encontrar dados mais específicos de quando ali estudaram. Era minha esperança descobrir fotografias e certificados de matrícula, já que as irmãs de Regina fizeram do colégio a sua moradia. Porém, a resposta do colégio foi que, depois de verificado, nada foi encontrado sobre a permanência das Simonis na instituição.

Além de Regina Simonis ter estudado no Colégio São José, acontecimento que pode ser comprovado com os cadernos localizados em Boa Vista, Simonis também teve uma passagem pelo Colégio Bom Conselho de Porto Alegre. Segundo sua sobrinha-neta Sandra Richter, a jovem se hospedava no Colégio Bom Conselho, pois havia um internato ali e, além disso, suas irmãs foram professoras do Colégio<sup>11</sup>. Porém, ao tentar me comunicar com esta instituição, não obtive retorno. Não se sabe quando a jovem se matriculou no colégio e nem até quando ali permaneceu.

O entrevistado Leonardo Koehler, também sobrinho de Regina, comenta que, por conta de seus estudos no Colégio Bom Conselho, Regina Simonis manteve contatos com Getúlio Vargas (1882 – 1954). Desta relação, surgiu a oportunidade de dar aula de pintura para a filha mais nova de Vargas. Como descobri este fato tarde demais, não foi possível ir atrás de outras fontes para averiguar possíveis datas do ocorrido, mas a história que Leonardo Koehler conta é um tanto interessante<sup>12</sup>:

Aí o Getúlio chegou: “dona Regina”. O Getúlio Vargas. “A senhora vai ter que dar uma mão pra minha filha mais nova, pra ela pintar que nem a senhora”. Aí ela sempre dizia: “Leonardo, eu me interessei muito, viu. Pela filha mais nova dele. Me dava bem com ela. Mas três meses de estudo eu vi que não adiantava. Aí o Getúlio perguntou um dia: “O que tu acha? Ela pode ter tendências pra fazer pintura?”. “Senhor Getúlio Vargas, ela não tem nenhuma habilidade para pintura”.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 30/04/2019.

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 11/10/2019.

**Figura 4 – Família Simonis, cerca de 1920**



Atrás, da direita para a esquerda: Emílio Simonis, Regina Simonis, Amália Simonis, Bertha Simonis e Cecília Simonis. Em frente, há os pais: Guilherme Simonis e Gertrudes Stuelp.  
Fonte: Acervo pessoal de Sandra Richter.

Apesar de Regina Simonis não ter seguido a vocação religiosa da família, conviveu muito no Colégio São José com suas irmãs, que a acolhiam em São Leopoldo. Durante os anos 1920, Regina estudou neste colégio e foi ali que despertou seu amor pela pintura e pelo desenho. Aos 93 anos, em uma reportagem da jornalista Fabiana Piccinin<sup>13</sup>, Regina Simonis demonstra ter possuído uma memória perfeita, ao lembrar da primeira vez que pintou um quadro:

Ainda me lembro bem do primeiro dia que dei a primeira pincelada no colégio, pintando um amor-perfeito. Foi em 1917, eu ia fazer 17 anos. Há 76 anos. Não é preciso fazer contas para saber a minha idade, eu acompanho o século (Regina Simonis *apud* PICCININ, 1993, p. 23).

A imagem que Regina escolheu pintar já representava a simplicidade de suas obras, que anos depois, seriam admiradas pelo público santa-cruzense, na Casa das Artes, que hoje leva seu nome. A flor “amor-perfeito” também simboliza os dois maiores amores da artista, que eram a pintura e as flores. Na mesma reportagem, a artista também lembra do dia em que decidiu estudar pintura:

No final daquele ano (1917), eu era interna do Colégio São José em São Leopoldo e fui visitar uma exposição de pinturas das alunas do colégio. Lá, olhei os quadros e me deu uma vontade louca de pintar. Saí correndo, fui até o quarto da irmã provincial. Eu era muito tímida e a irmã muito rigorosa. Mas naquela hora eu perdi a timidez e pedi para pintar (PICCININ, 1993, p. 23).

<sup>13</sup> PICCININ, Fabiana. A arte não tem idade. *O Éco*, Santa Cruz do Sul, n.03, agosto de 1993. p. 23.

Na família Simonis não foi somente Regina quem pintava bem. Algumas de suas irmãs também desfrutavam dessa habilidade que descobriram no Colégio São José. No acervo de Guido Koehler e Adroaldo Etges é possível contemplar algumas das obras realizadas pelas Irmãs. Em uma carta<sup>14</sup> que a Irmã Agostinha escreveu para Regina Simonis, ela comenta que as Irmãs gostavam de trocar pinturas entre si:

Irmã Manoela voltou muito entusiasmada de Santa Cruz. Parece-me que ela gostou muito deste passeio. A catedral ela achou uma maravilha, a parte nova do Colégio também. Ela está muito interessada para acabar alguns modelos de pintura para ti. Eu sou mais pobre do que rato de igreja e além disso, não tenho pintado nos últimos anos, só me dedico ao desenho; mas em todo o caso, se eu encontrar alguma coisa, terei prazer em auxiliar-te (SIMONIS, 1964, p. 1).

**Figura 5 – Regina Simonis (acima, à direita) com suas irmãs freiras, cerca de 1970**



Fonte: Acervo pessoal de Luiz Etges

No conteúdo das cartas que encontrei na casa de Guido Koehler, pude observar que a artista se manteve um pouco distante dos familiares após o falecimento de seus pais, no final dos anos 30. Ela passou a viver sozinha numa casa no centro da cidade de Santa Cruz do Sul, construindo para si uma vida diferente das demais irmãs, pois seguiu uma carreira profissional independente, destoando das demais mulheres da época, ao dar preferência à profissão de artista plástica.

Além de optar por não ser freira, também preferiu não se casar, o que era nada comum para uma mulher no contexto em que vivia. Na reportagem de Piccinin, Simonis expõe o fato

<sup>14</sup> SIMONIS, Lucia. [Carta] 09 fev. 1964, São Leopoldo [para] Regina Simonis, Santa Cruz do Sul. 2 p.

de ser solteira por convicção e não ter tido filhos. “Oportunidades não me faltaram, mas pedi a São José que me livrasse de um casamento infeliz. Dizem que quem pensa, não casa” (Regina Simonis *apud* PICCININ, 1993, p. 23).

Segundo os relatos dos entrevistados, foi sempre uma mulher de poucas palavras, possuidora de uma personalidade introspectiva, o que talvez tenha contribuído para sua criação artística. O contato com o mundo exterior era reduzido a alguns familiares que mantinham a rotina de visitá-la. Em visita à residência do artista Luiz Etges, que é sobrinho-neto de Regina, o pintor afirma que<sup>15</sup>:

Regina era mais alta do que o comum das mulheres da época. Com mais elegância no porte e extrema discrição no vestir. Usava um cabelo chanel por toda uma vida, de um loiro acinzentado natural. Tinha humor requintado e convivia bem com as pessoas sem formar vínculos.

Apesar de não ter sido freira, Regina Simonis era uma pessoa muito religiosa e frequentadora das missas, como escreve Cristiana Mueller, em uma reportagem para o Jornal de Comunicação da UNISC<sup>16</sup>. Nesta, consta que, em dias nos quais a artista estava impossibilitada de ir à Igreja, a solução era escutar, pelo rádio, a transmissão da missa. O conteúdo desta e de outras reportagens demonstram o quanto Simonis foi uma mulher exigente, intelectual e apaixonada pela religião.

---

<sup>15</sup> Depoimento concedido à autora, no dia 31/05/2019.

<sup>16</sup> MUELLER, Cristiana Verônica. Vida e Arte de Regina Simonis. *Unicom*, Santa Cruz do Sul, n. 03, p. 10-11, jun. 2003.

### 3 A FORMAÇÃO DE UMA ARTISTA

Neste capítulo, pretende-se primeiramente apresentar um breve histórico do Instituto de Belas Artes, tratando principalmente dos anos 1920 a 1930, para tentar compreender a produção artística e acadêmica dos professores e alunos deste período. Depois, procura-se trazer informações sobre os dois professores que Regina Simonis teve o prazer de ter: Francis Pelichek<sup>17</sup> e Libindo Ferrás<sup>18</sup>. Com isto, expõe-se detalhes de como eram suas aulas e quem eram seus colegas, juntamente com algumas obras da época. Por fim, o leitor será introduzido a outra paixão de Regina Simonis: as flores.

As opções de bibliografia para representar este capítulo são amplas. Permaneci em três obras, sendo elas as que tive mais facilidade para compreender o que se passava em Porto Alegre no momento em que Regina Simonis ali chegou. Primeiramente, há a tese de doutorado do historiador Círio Simon, denominada “Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia do sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul” (2002). Em segundo, a obra “Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica” (2007), organizada pelo professor Paulo Gomes e que acompanha os textos de Susana Gastal e Maria Lúcia Bastos Kern sobre a cena artística do RS durante os séculos XIX e XX. E por último, também uma tese de doutorado, a obra de Neiva Bohns, “Continente Improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX” (2005).

Não é mistério o porquê de Regina Simonis ter escolhido estudar artes plásticas. Na sua antiga casa, em Boa Vista, há belos quadros de castelos europeus que a futura artista desenhou, enquanto tinha apenas dezesseis anos – os quais já demonstravam seu talento para a arte. Os relatos são de que, na infância, sempre teve apoio das pessoas mais próximas para desenvolver sua vocação artística. Segundo seus familiares, ela gostava de copiar as fotografias que via nos cartões postais que recebia da Europa. Já o fato de ela ter escolhido exercer estes talentos somente com vinte e nove anos, parece ter sido, segundo relatos de Guido Koehler<sup>19</sup>, por

---

<sup>17</sup> Francis Pelichek nasceu em 1896 em Praga, na Tchecoslováquia. Lá estudou com Francisco Kysela e Emilio Dité. O artista veio para o Brasil em 1920 e, dois anos depois, foi contratado para lecionar no Instituto de Belas Artes. Em 1928, expôs na Casa Jamardo, em Porto Alegre. Faleceu na capital gaúcha em 1937 (AVANCINI, 2002, p. 38).

<sup>18</sup> Libindo Ferrás nasceu em 1877 em Porto Alegre. Estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, entre 1897 a 1899 viajou para a Itália, onde teve aula com Joris Ferrari e Basile. Em 1903, participou do Salão da Gazeta Mercantil em Porto Alegre. Integrou a Comissão Central do IBA em 1908 e, dois anos depois, vem a ser o fundador e diretor da Escola de Artes do mesmo. Faleceu no Rio de Janeiro em 1951 (AVANCINI, 2002, p. 40).

<sup>19</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 23/10/2019.

questões econômicas, pois sabe-se que naqueles tempos, estudar em uma instituição educacional na capital, não era tarefa fácil para as famílias originárias do interior do estado.

O que se sabe é que a jovem Simonis saiu de Boa Vista, em 1916, para estudar com suas irmãs, no Colégio São José, em São Leopoldo. Depois, passou a residir no Colégio Bom Conselho, em POA, e, após isto, o único registro que se tem é dela iniciando seus estudos no Instituto de Belas Artes, em 1929. O que aconteceu, durante todo este período, não se sabe. Se ela morou no Colégio até receber seu diploma de pintura em 1933, ou se estava em dúvida entre se tornar freira e estudar artes plásticas, são questões que ainda permanecem sem respostas precisas. Durante minha investigação e nas entrevistas com familiares, infelizmente não obtive o êxito desejado.

Em 1993, segundo a entrevista que Fabiana Piccinin (1993) realizou com Regina Simonis, a artista, ainda muito lúcida, explicou que, após sair do Colégio São José, teve de viver da pintura, por muitos anos. Além disso, também comenta que apareceram tarefas sob encomenda que a atrapalharam, na produção de suas obras, pois estas teriam de ser feitas sob obrigação, o que não era algo agradável, para a artista. Segundo Regina Simonis, “Tem vezes que [...] não se acerta nada e outras que se está inspirada. A gente nunca deve pintar quando não está disposta porque estraga o que fez na véspera. O tempo e até a lua influem na inspiração” (Regina Simonis *apud* PICCININ, 1993, p. 23).

### 3.1 O INSTITUTO DE BELAS ARTES

A cena cultural de Porto Alegre durante o final do século XIX trouxe transformações materiais e sociais para o âmbito artístico da cidade. O cinema e a fotografia estavam conquistando seus espaços com o cinematógrafo, equipamento portátil que permitia colocar imagens em movimento (GOMES, 2007, p. 38). Os artistas eram requisitados para a decoração de igrejas, residências e palcos teatrais. Nessa cidade que se renovava, como lembra Susana Gastal (2007, p. 39), nasciam também os futuros artistas gaúchos: Pedro Weingärtner (1856), Oscar Boeira (1883), Libindo Ferrás (1897) e João Fahrion (1898).

O ensino de artes no Rio Grande do Sul era realizado até então nos ateliês de artistas locais ou estrangeiros. Havia, também, alguns estudantes que se interessavam em estudar na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, enquanto outros tiveram a oportunidade de ir para o exterior. Ainda não havia no RS uma instituição em prol das artes plásticas que formasse artistas competentes e que apreciasse as obras artísticas locais. Por isso, concluo que o ano de 1908 foi precioso para a cultura regional, ano em que foi construído o prédio da



Prefeitura de Porto Alegre e fundado o Instituto Livre de Belas Artes, presidido por Olinto de Oliveira (1865 – 1956).

Na primeira década do novo século, o interesse em promover arte e cultura numa ação educativa mais eficiente veio por parte de alguns intelectuais e profissionais liberais que, juntos, criaram finalmente uma escola de arte no Estado do Rio Grande do Sul<sup>20</sup>. A trajetória do Instituto iniciou com o Conservatório Musical e, em 1910, foi criada a Escola de Artes, idealizada pelo pintor gaúcho Libindo Ferrás (1877 – 1951). Foi em 1934 que o ILBA passou a integrar a Universidade de Porto Alegre, tornando-se Instituto de Artes. A partir de 1962, o Instituto foi finalmente incorporado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como afirma Neiva Bohns:

A Escola tinha seu currículo inteiramente baseado no da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro. O método de ensino, como era normal naquela época, em instituições similares, fundamentava-se na reprodução de modelos em gesso importados da Europa, e os estudantes eram instruídos a seguir rigorosamente as técnicas e os estilos de seus professores (BOHNS, 2005, p. 131).

Círio Simon (2002) aponta que, em seu período inicial, a Escola teve que enfrentar diversas barreiras. Havia em Porto Alegre e no RS a falta de um sistema de artes e de uma “vivência pública das Artes Plásticas, o que fazia dos alunos da Escola verdadeiros pioneiros e cobaias”<sup>21</sup>. Situado na Rua Senhor dos Passos, o Instituto de Artes teve dificuldade de contratar professores especializados, como afirma Kern (2007). A maneira que os dirigentes encontraram na época foi de convidar artistas de outros estados brasileiros e até mesmo do exterior para virem lecionar na Escola de Artes, que mesmo assim obteve um corpo docente inicialmente bem limitado.

O artista Libindo Ferrás, que vem a ser o primeiro diretor da Escola, lecionou sozinho até o ano de 1913, ministrando os cursos de Desenho, Pintura e Artes de Aplicação Industrial. Gastal (2007, p.42) lembra que o artista “imprime princípios rigorosos, oriundos da tradição acadêmica europeia do século XIX, quer como diretor, quer como professor de Desenho Geométrico, Perspectiva e Sombras e Anatomia Artística”. Esta forte presença no início da formação da Escola demonstra a vontade dele de contribuir e de se dedicar a tornar mais

---

<sup>20</sup> BOHNS, Neiva. *Continente Improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX*. 2005. 383 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

<sup>21</sup> SIMON, Círio. *Dois diários (1920-1930) do professor Francis Pelichek (1896-1937)*. Pesquisa decorrente da Tese: *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia do sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul – PUC – FFCH, Porto Alegre, 2002.*

consistente o campo artístico de Porto Alegre. Tratando a importância de Libindo Ferrás, Círio Simon comenta que:

Na Escola, através da docência, colocou em prática a ampliação e a consolidação dos agentes culturais no estado, pois o último estágio da aprendizagem, era o magistério. Esses agentes culturais iriam implementar essa lógica da reprodução, multiplicação e consolidação do campo das artes plásticas (SIMON, 2002, p. 17).

Em seguida, outros professores convidados, como Eugênio Latour (1874 – 1941) e Oscar Boeira (1883 – 1943), ingressaram na escola. Mas foi Francis Pelichek quem marcou o curso de artes do IBA e a arte do Estado do Rio Grande do Sul durante os anos 1920 e 1930. Nascido em Praga, na Tchecoslováquia, o artista chegou a Porto Alegre alguns anos depois da terminada Primeira Guerra Mundial<sup>22</sup>. Sobre a chegada de Pelichek no IBA, Círio Simon aponta que:

O pintor ingressou na Escola no dia 16 de abril de 1922. Libindo elogiou o seu trabalho no final do ano e fez um ótimo prognóstico sobre o futuro desse professor. De fato, Pelichek permaneceu da docência da Escola até o seu falecimento em 01.08.1937 (SIMON, 2002, p. 26).

**Figura 6 – Alunos na aula de modelo-vivo, ministrada por Francis Pelichek, 1929**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler<sup>23</sup>

<sup>22</sup> CHAVES, Ricardo. Francis Pelichek. *Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de junho de 2019. Almanaque gaúcho, p. 36

<sup>23</sup> Esta fotografia consta no catálogo do I Salão da Escola de Artes do Instituto de Belas Artes, que se encontra no acervo pessoal do sobrinho de Regina Simonis, Guido Koehler.

O surgimento da Escola de Artes foi aos poucos transformando o panorama cultural de Porto Alegre, gerando um aumento significativo de produções artísticas locais. Segundo Cirio Simon (2002, p. 167), para os alunos ingressarem na Escola de Artes do IBA, eles enfrentavam uma banca para determinar qual nível deveriam iniciar suas aulas. Caso não fossem aceitos no exame de admissão, podiam fazer o curso preliminar que a própria escola oferecia.

O autor também comenta o currículo do curso geral do Instituto de Belas Artes, durante os anos 1929 a 1937, que era composto pelas seguintes disciplinas<sup>24</sup>: Desenho, Desenho Geométrico e de Projeções e Perspectivas e Sombras. O Curso Médio era desenvolvido em três séries, sendo a primeira Desenho Figurado, a segunda, Desenho Figurado (gesso, máscaras e bustos) e a terceira, Anatomia Artística e Desenho Figurado. Por fim, havia o Curso Superior, com o Desenho de Modelo Vivo e Estudo especial de Pintura e História da Arte.

Em 1929, ano em que Regina Simonis ingressou no IBA, aconteceu um fato especial para a comunidade acadêmica de Porto Alegre. Foi inaugurado, no *foyer* do Teatro São Pedro, o Salão Estadual de Artes, organizado pelo então diretor da Escola de Artes, Libindo Ferrás (BOHNS, 2005). A exposição contou com diversos nomes importantes do Instituto de Belas Artes, como Francis Pelichek e João Fahrion. Logo mais, em 1933, a artista ali participa da Exposição Anual do Instituto de Belas Artes.

As observações apresentadas deste ambiente cultural e educativo que foi o IBA durante os anos 20 e 30, buscam oferecer algumas possíveis abordagens sobre o que vem a ser a produção artística de Regina Simonis. A sua técnica requintada claramente fazia parte do forte cunho acadêmico que permanecia na Escola de Artes neste período, tão ligada ao ensino de arte dos mestres europeus do final do século XIX e o início do XX.

### 3.2 A ALUNA

Na década de 30, de acordo com Rosane Vargas (2013), o perfil dos alunos do IBA era composto predominantemente por jovens mulheres que terminavam o colegial e, como forma de complementação, continuavam os estudos com aulas de arte. Importante ressaltar que a

---

<sup>24</sup> SIMON, Cirio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia do sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul*. 2002. 662 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

sobrinha-neta de Regina Simonis, a professora Sandra Richter<sup>25</sup>, também assinala<sup>26</sup> que os colégios onde sua tia estudou eram ambientes altamente intelectualizados, sendo que as irmãs eram ligadas a uma formação mais humanística. Aulas de pintura, de piano e de literatura eram comuns na educação das freiras daquela época.

Sabe-se, então, que Regina Simonis foi morar em Porto Alegre, após sua estadia em São Leopoldo, no Colégio São José. Lá, obteve seu primeiro contato com uma exposição de arte, o que a comoveu e fez perceber que gostaria de começar a pintar. É interessante imaginar que, após as experiências que passou nos colégios, a ideia dela foi que, em vez de se tornar freira, a opção mais admirável seria ser uma pintora. No caderno de matrículas do Instituto de Belas Artes, consta que:

Aos nove dias do mês de março de mil novecentos e vinte nove nesta Secretaria foi matriculada no Curso de Desenho a Senhorita Regina Simonis, natural deste estado, nascida a onze de junho de mil e novecentos e filha legítima de Guilherme Simonis e Gertrudes Stuelp. Simonis residente no Ginásio Bom Conselho, tendo apresentado todos os documentos exigidos pelo regulamento<sup>27</sup>.

**Figura 7 – Regina Simonis entre suas colegas do IBA, 1929**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler.

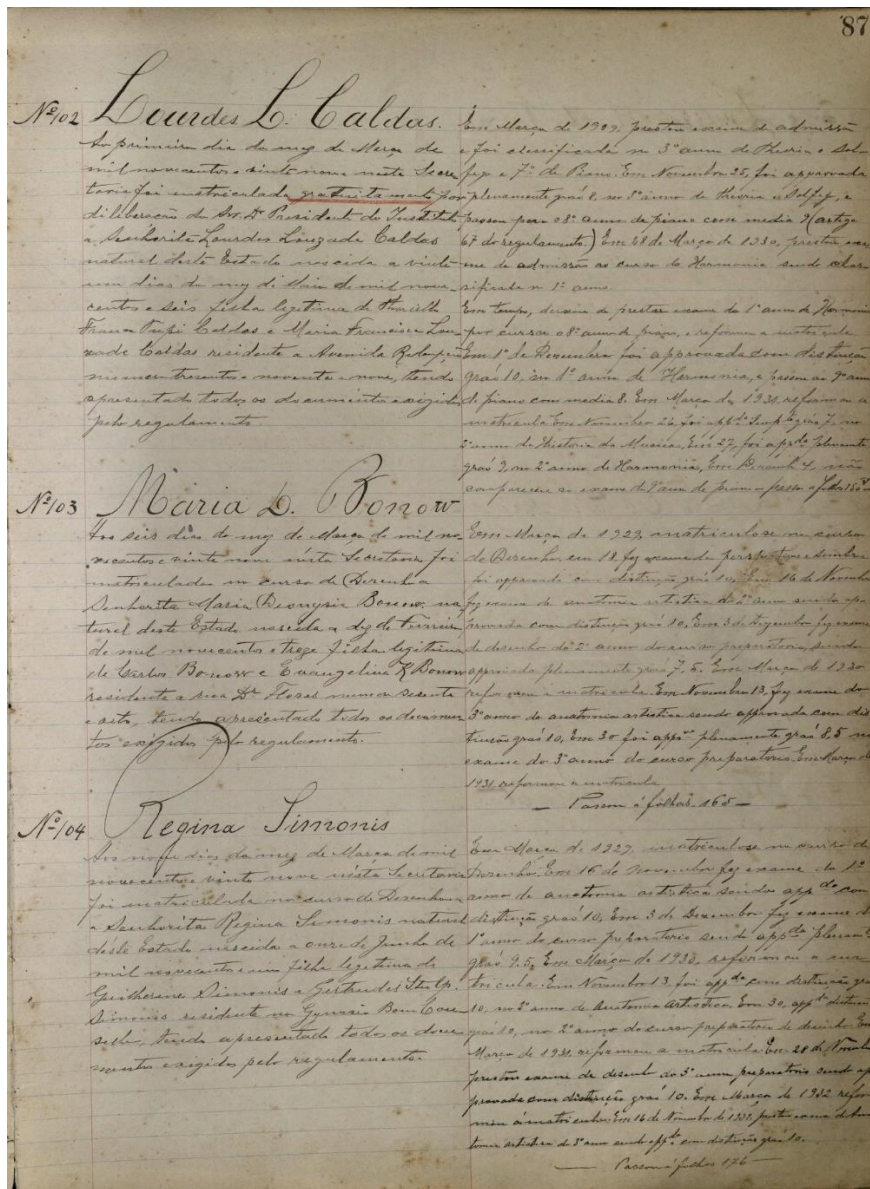
<sup>25</sup> Sandra Regina Simonis Richter é graduada em Educação Artística pela UFRGS, com mestrado e doutorado em Educação também pela UFRGS. Atualmente é professora da UNISC, atuando na Graduação, na Extensão e no Programa de Pós-Graduação desta universidade.

<sup>26</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 30/04/2019.

<sup>27</sup> Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

Conforme os registros neste caderno (Figura 8), que atualmente se encontram no Arquivo Histórico do IA, Regina Simonis primeiramente matriculou-se em Desenho Figurado, que fazia parte do primeiro ano do Curso Preparatório. Neste, o aluno desenvolvia um estudo completo de máscaras e natureza-morta<sup>28</sup>. A aula de Anatomia Artística também fazia parte deste curso inicial, o qual Simonis foi aprovada com distinção grau 10. Em dezembro de 1929, a aluna exerceu a prova final do Curso Preparatório e recebeu nota 9,5. Há dois trabalhos deste ano (Figuras 9 e 10) que constam no acervo da CARS e que ilustram o seu primeiro ano de estudos no IBA.

Figura 8 – Registro da matrícula de Regina Simonis no IBA, cerca de 1930

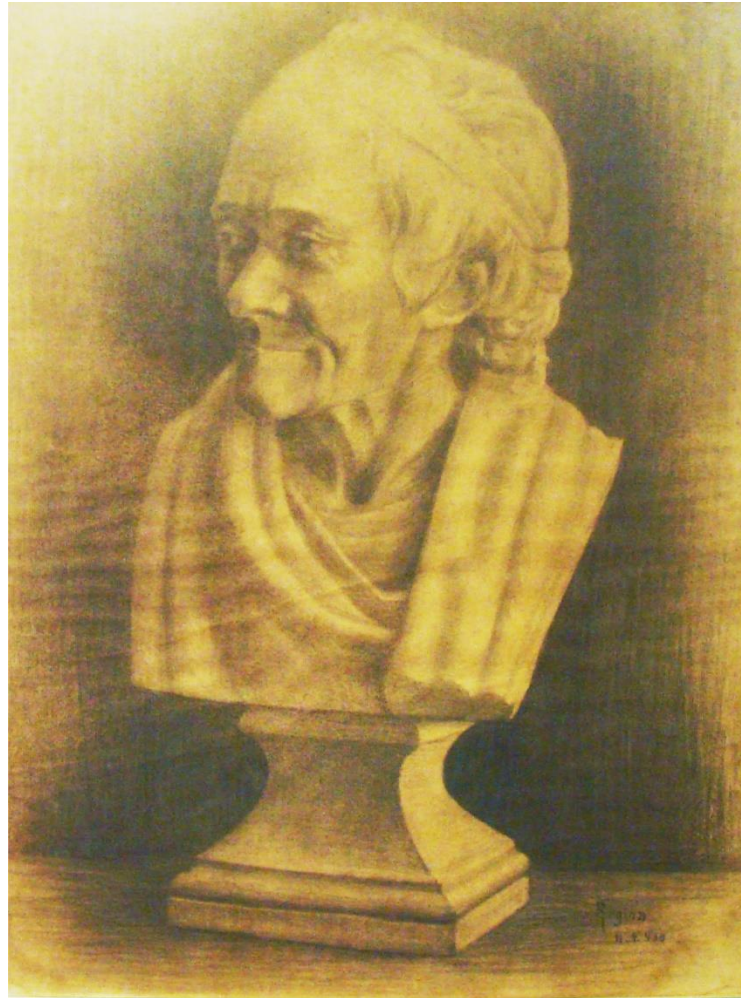


Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

<sup>28</sup> INSTITUTO DE BELLAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. *Salão da Escola de Artes I: catálogo*. Porto Alegre, 1929. 28 p. Catálogo da exposição do primeiro Salão da Escola de Artes, novembro de 1929.

**Figura 9**

Regina SIMONIS (1900 – 1996)  
Sem título, 1929  
Crayon sobre papel, 32 x 23 cm  
Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Autora.

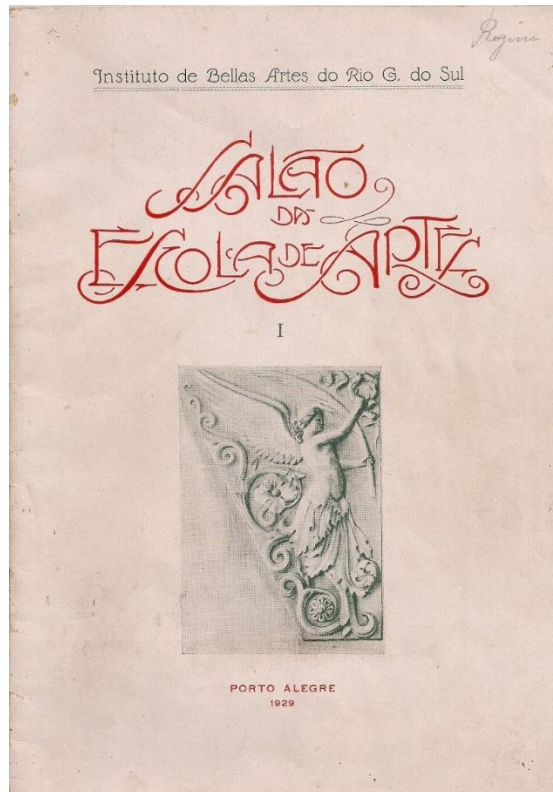
**Figura 10**

Regina SIMONIS (1900 – 1996)  
 Sem título, 1929  
 Crayon sobre papel, medidas não registradas  
 Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil  
 Foto: Sandra Richter

Na primeira visita que fiz ao Guido Koehler, ele me mostrou o catálogo do Salão da Escola de Artes do IBA (Figura 11), que ocorreu em 1929. Neste, consta fotografias dos alunos durante suas aulas no Instituto, informações sobre a Escola, bem como a organização do curso de pintura, o que hoje poderíamos chamar de análise curricular e, por fim, diversos trabalhos dos alunos. Na Figura 12, o catálogo indica a relação do aluno e das obras expostas e, ao que transparece, Regina expôs quinze trabalhos, em sua primeira exposição. Foi, sem dúvida, a acadêmica que mais obteve trabalhos expostos, em comparação aos seus colegas<sup>29</sup>. Dado que a mostra ocorreu no seu primeiro ano de estudos no Instituto de Artes, é fascinante observar a sua habilidade e dedicação a esse ofício.

<sup>29</sup> Conforme o catálogo, Regina Simonis expôs 15 trabalhos, sendo que seus colegas do Curso Preparatório apresentaram, no máximo, dez obras, e os alunos do Curso Elementar e Superior, também, no máximo, dez.

**Figura 11 – Capa do Catálogo do I Salão da Escola de Artes do IBA, 1929**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler.

**Figura 12 – Relação aluno/obra no I Salão da Escola de Artes do IBA, 1929**

C A T A L O G O	
<b>CURSO ELEMENTAR</b>	
ALAYDE ALMEIDA	
1 – 2 – 3 – 4 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9	
CELINA LENHARDT	
10 – 11 – 12 – 13 – 14 – 15	
FLORA GONÇALVES	
16 – 17 – 18 – 19 – 20 – 21 – 22 – 23	
HILDA GINS	
24 – 25 – 26 – 27	
LYRYSS DE BORBA	
28 – 29 – 30 – 31 – 32 – 33 – 34 – 35 – 36 – 37	
OLGA PARAGUASSU'	
38 – 39 – 40 – 41 – 42	
<b>CURSO PREPARATORIO</b>	
CLEO ROMERO	
43 – 44 – 45 – 46 – 47 – 48	
HILDA PEIXOTO	
49 – 50 – 51 – 52 – 53 – 54 – 55 – 56 – 57 – 58	
MARIA AMORETTY	
59 – 60 – 61 – 62 – 63 – 64 – 65 – 66 – 67 – 68	
REGINA SIMONIS	
69 – 70 – 71 – 72 – 73 – 74 – 75 – 76 – 77 – 78 – 79 – 80 – 81 – 82 – 83	
VITINHA BRAZ	
84 – 85 – 86 – 87 – 88 – 89 – 90	
<b>CURSO PREPARATORIO</b>	
ADAIL COSTA	
91 – 92 – 93 – 94 – 95 – 96 – 97 – 98 – 99 – 100	
EUGENIA FARIA	
101 – 102 – 103 – 104 – 105 – 106	
LINDA GROSSI	
107 – 108 – 109 – 110 – 111 – 112	
MARIA MIRANDA	
113 – 114 – 115 – 116 – 117 – 118 – 119 – 120 – 121 – 122	
MARIA BONOW	
123 – 124 – 125 – 126 – 127 – 128 – 129 – 130 – 131 – 132	
ALDA DAHNE	
133 – 134 – 135 – 136 – 137 – 138 – 139 – 140 – 141 – 142	
DARCY MARTINS	
143 – 144 – 145 – 146 – 147 – 148 – 149	
HONORINA CAUDURO	
150 – 151 – 152 – 153 – 154	
MARIA F. AZEVEDO	
155 – 156 – 157 – 158 – 159 – 160 – 161 – 162 – 163 – 164	
<b>CURSO SUPERIOR</b>	
GERTRUDIS BREDENDICK	
165 – 166 – 167 – 168 – 169 – 170 – 171 – 172 – 173 – 174	
HILDA VERISSIMO	
175 – 176 – 177 – 178 – 179 – 180 – 181 – 182	
MARIA REIS	
183 – 184 – 185 – 186 – 187 – 188 – 189 – 190 – 191 – 192	

Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler.



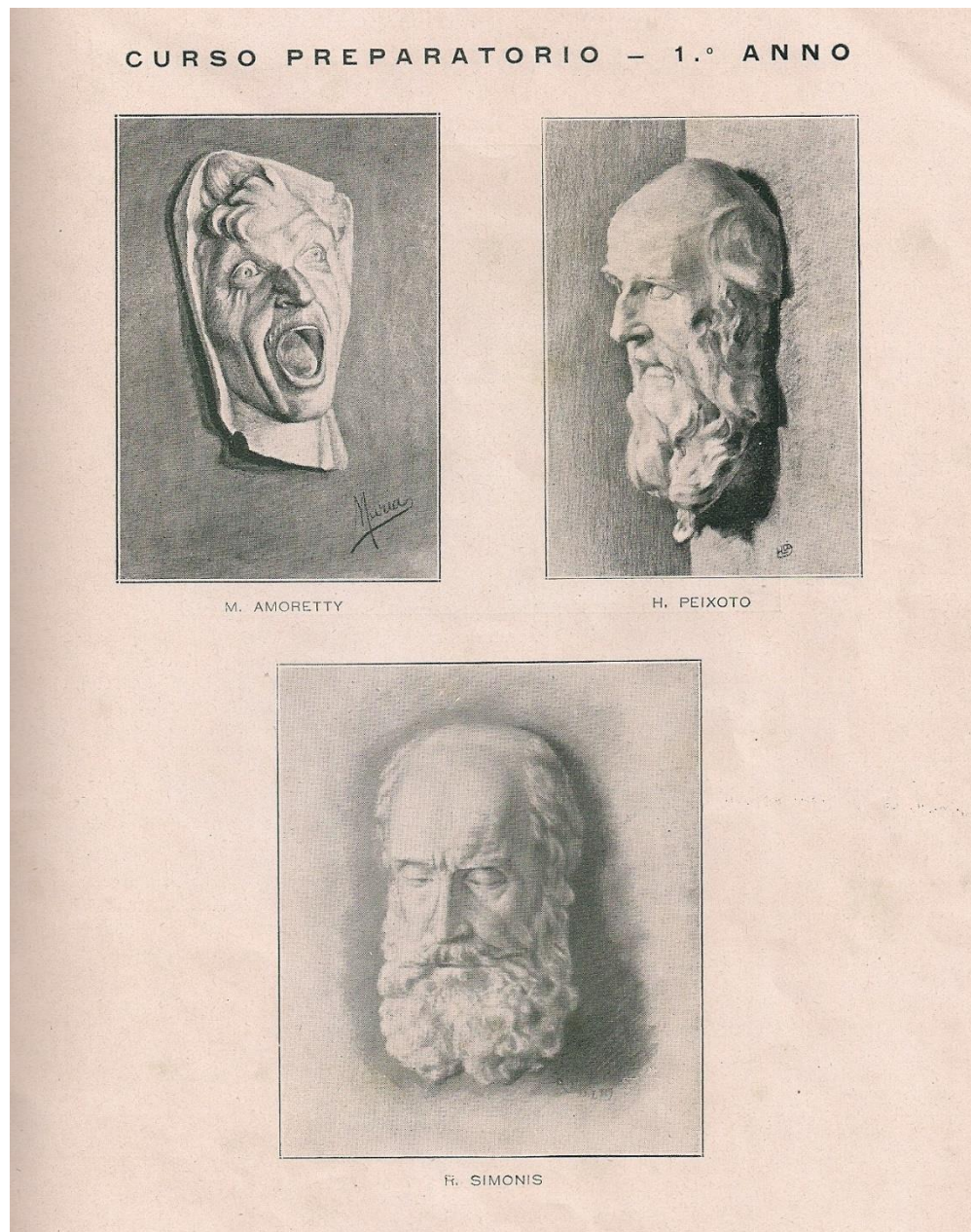
Como demonstrado nas Figuras 11 e 13, um dos trabalhos da artista foi escolhido para ser reproduzido na capa do catálogo do Salão. Tudo isso leva-nos a pensar que Regina Simonis iniciou o curso com êxito, provavelmente já chamando atenção de seus professores Pelichek e Ferrás. No catálogo, aparecem duas obras da artista, sendo a primeira um estudo a partir de um relevo ou a cópia de uma gravura em relevo. Este foi o desenho reproduzido na capa, apresentando traços fortes de sombras. O segundo (Figura 14) também é um desenho, provavelmente um estudo de máscaras – atividade esta muito comum, nas aulas de desenho figurado.

**Figura 13 – Obra de Regina Simonis (acima, à esquerda) que foi exposta no I Salão da Escola de Artes do IBA, 1929**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler.

**Figura 14 – Obra de Regina Simonis (abaixo) que foi exposta no I Salão da Escola de Artes do IBA, 1929**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler.

Esses trabalhos iniciais da artista são um exemplo de como funcionavam as aulas no IBA, no final dos anos 20. A cópia era a forma mais comum de aprendizagem dos jovens artistas, como aponta Rosane Vargas (2013). A autora também comenta que as mulheres dificilmente saíam disso e acabavam sempre reproduzindo temas religiosos ou retratos, pois outro conteúdo poderia ser visto como inadequado. Regina Simonis de fato era uma exímia

copista, como declarou Sandra Richter<sup>30</sup>, sua sobrinha neta que também foi aluna do Instituto de Artes nos anos 70.

Prosseguindo, consta no caderno de matrículas que, em novembro de 1930, Regina Simonis foi aprovada com distinção grau 10 no segundo ano do curso de Anatomia Artística. Neste, os alunos aprendiam osteologia, artrologia e morfologia dos troncos e dos membros superiores. Também no mesmo mês, foi aprovada com nota 10 no curso de Desenho Figurado, que eram estudos completos de bustos e natureza-morta.

Francis Pelichek elaborou relatórios sobre suas aulas no IBA, no qual pude conferir alguns lembretes importantes sobre o desenvolvimento dos alunos. Em 1930, registrou que deu aula no Curso Médio para as alunas Cleo Romero, Maria Amoretty, Regina Simonis, Vitinha Braz e Flora Gonçalves, tendo lecionado todo o programa, inclusive natureza-morta a pastel<sup>31</sup>. Sobre o aproveitamento dos alunos, Pelichek escreve:

De uma maneira geral posso dizer que o aproveitamento dos alunos – excluídos os senões que apontei – foi bom. O mapa junto, consignando as notas dos exames parciais e finais é um demonstrativo do aproveitamento dos alunos. A apresentação de 712 trabalhos – a maioria dos quais podendo figurar na nossa Exposição anual – é também um atestado eloquente do esforço dos alunos no corrente exercício (SIMON, 2002, p. 56).

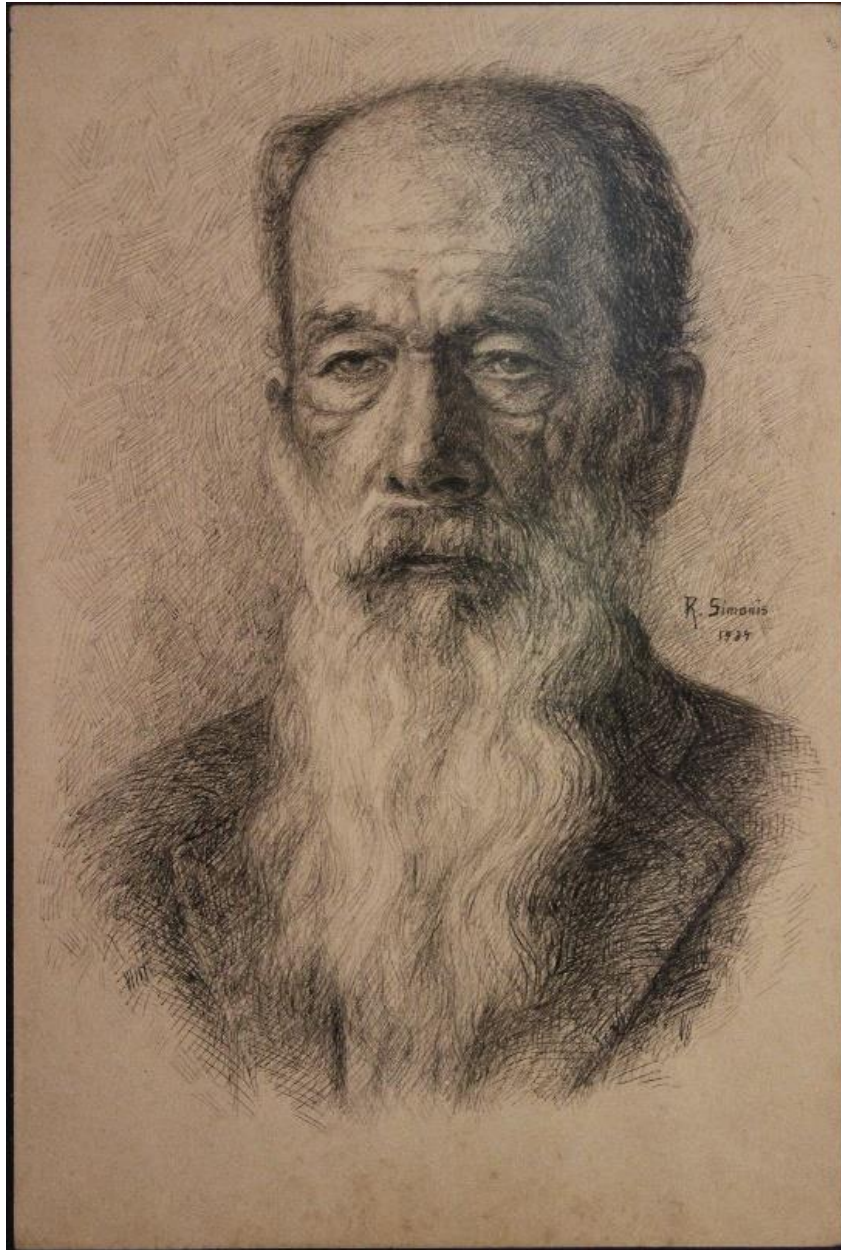
No ano de 1931, Regina Simonis prestou exame de Desenho Figurado para o terceiro ano do Curso Preparatório, sendo aprovada novamente com nota 10. Neste, a aluna teve aulas de estudo do tronco (gesso) e elementar da cabeça humana (modelo-vivo). Além disso, estudo da natureza-morta, presente nos três anos do Curso Preparatório. No relatório deste ano do Francis Pelichek consta que foi lecionada toda a matéria para Cleo Romero, Maria Amoretty, Regina Simonis, Vitinha Braz e Flora Gonçalves.

Na residência de Guido Koehler, encontra-se dois retratos de um senhor que provavelmente serviu como modelo vivo nas aulas do IBA, pois ele foi muito reproduzido nos desenhos das alunas da época. O primeiro (Figura 15) é um desenho em crayon e o segundo (Figura 16) é um óleo sobre tela. Neste último, é possível observar semelhanças com a obra “Velho chimarreando” do professor Francis Pelichek (Figura 17).

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 30/04/2019.

<sup>31</sup> SIMON, Cirio. *Dois diários (1920-1930) do professor Francis Pelichek (1896-1937)*. Pesquisa decorrente da Tese: *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia do sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul – PUC – FFCH, Porto Alegre, 2002.*

**Figura 15**

Regina SIMONIS (1900 – 1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 33 x 23 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil

**Figura 16**

Regina SIMONIS (1900 – 1996)  
 Sem título, 1931  
 Pastel sobre papel, 65 x 37 cm  
 Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil

**Figura 17**

Francis PELICHEK (1896 – 1937)  
 Velho chamarreando, 1929  
 Óleo sobre tela, 66 x 54 cm  
 Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli, Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, Brasil  
 Fonte: *Libindo Ferrás e Francis Pelichek*. Porta Alegre: Caixa Econômica Federal. Projeto Caixa: Resgatando a Memória. 1998.

A partir de uma antiga pasta que leva o nome de Regina Simonis e que foi encontrada na casa de Guido Koehler, pude observar diversos trabalhos da artista. Nela consta em sua maioria desenhos de retratos, mas também um desenho de escultura de gesso (Figura 18). Neste caso, trata-se de uma réplica da famosa escultura pompeiana “Fauno Dançante” (Figura 19).

**Figura 18**



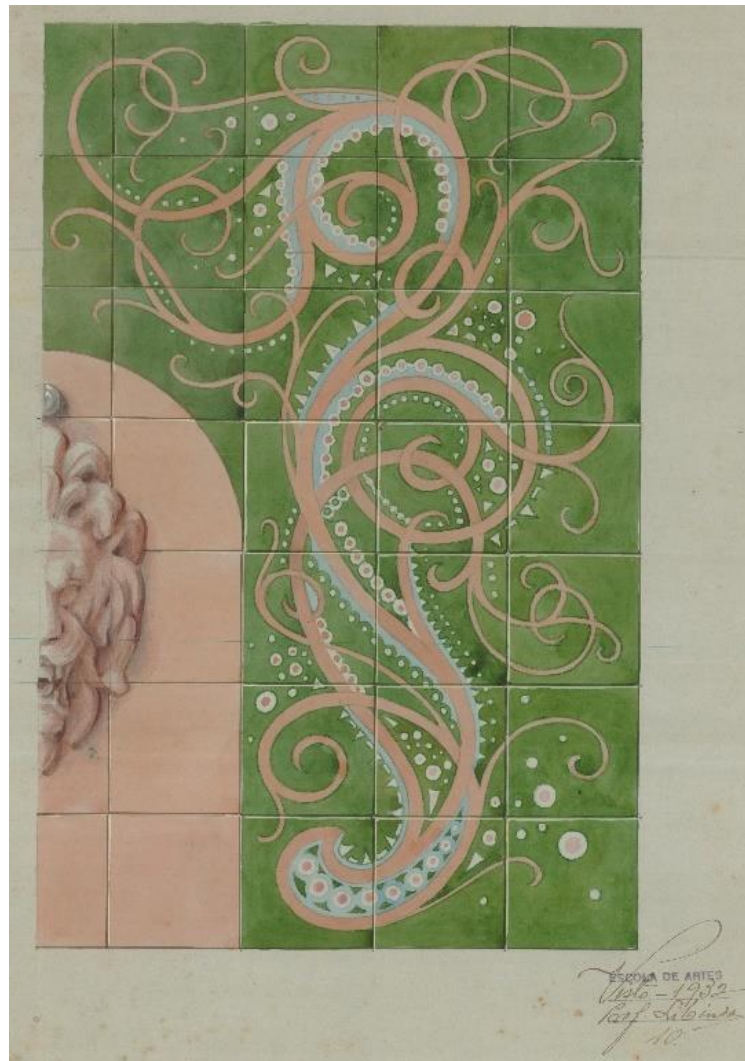
Regina SIMONIS (1900-1996)  
*Sem título*, 1931  
Crayon sobre papel, 63 x 39 cm  
Coleção privada, Santa Cruz do Sul, Brasil

**Figura 19**

*Fauno Dançante de Pompéia, 1º século AEC.*  
Bronze, 80 cm. altura com pedestal.  
Museu Nacional de Nápoles, Itália.

O professor Libindo Ferrás era quem dava as aulas de Desenho Geométrico e de Projeções, Perspectiva Linear e Traçado de Sombras e Composição Decorativa. Como pude visualizar no canto inferior direito da Figura 20, Regina Simonis recebeu de Libindo novamente a nota 10. Este desenho da aula de artes decorativas é apenas um dos tantos exemplos de trabalhos de aula que consegui recuperar ao achar a pasta da artista na casa de Guido Koehler.

**Figura 20 – Trabalho de Regina Simonis para a disciplina de Artes Decorativas, 1932**



Fonte: Acervo Pessoal Guido Koehler.

Ao contemplar algumas fotografias da época, reparei que nesta pasta provavelmente encontram-se retratos das colegas de Simonis. Há três desenhos de jovens mulheres (Figuras 21, 22 e 23), uma delas vestindo um colar de pérolas e as outras duas de cabelos curtos que, tranquilamente, podemos considerar retratos das alunas de Pelichek da época.



**Figura 21**

Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 28 x 19 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil

**Figura 22**

Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 30 x 21 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil

**Figura 23**

Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 32 x 26 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil

Em 1932, Regina Simonis teve aulas do terceiro ano de Anatomia Artística, sendo aprovada com nota 10, no exame final. Nesse mesmo ano, iniciou o primeiro ano do Curso Superior, que constituía nas aulas de Desenho do modelo-vivo, Pintura de “atelier” e Pintura em “plein-air” e, por fim, Composição Decorativa. Também é mencionado, em sua matrícula que, em Desenho de Modelo Vivo, a artista obteve grau 10, como de costume. Segundo Círio Simon, não foi localizado os relatórios de Pelichek para o ano de 1932. Porém, há, no Arquivo Histórico do IA, a média que o professor tcheco deu aos seus alunos de desenho e pintura, em outubro de 1932 (Figura 24), no qual Regina novamente recebe 10.

**Figura 24 – Média dos alunos de Pelichek, 1932**

14 anos de idade  
1.º ano  
muito bom aluno

ESCOLA DE ARTES  
11.10.32  
10 de outubro de 1932  
Pelichek

Média dos alunos de desenho e pintura - em 31 de outubro de 1932.

Nomes	Notas			Re. mull. de	Observ.
	aprel.	Desen. parcial	aprel.		
De Henesse	10	10	10	10	29 pontos
Jacyntho Domingues	10	10	10	10	36 pontos
Pedro Stauffer	7,5	9	9	7	18 - pts
Melissenda Almeida	9	8,5	-	8,5	-
Lydia Siqueira	10	10	10	10	17 - pts
Odila Cardoso	10	9,5	10	10	20
Lera Wittgen	10	9,5	10	10	23 - 10.6
Jacyntho Jacyntho	10	10	10	10	21 - 10.6
Lygia de Borja	9,5	10	9,5	9,5	1 - m. 9.6
Lygia Silva	9,5	10	10	9,5	1 - m. 9.6
Mary de Almeida	9,5	9	9,5	9	5 - m. 9.6
Azyl Pális	9	9	9	9	-
Lucina Pális	9	9	9	9	16 - 17
Celina Seibert	8,5	8	8	8	18 - 19
Olga Paugussau	7,5	8	7,5	7,5	15
Eleonora Wauker	8	7	7	7,5	18 - 9
Norma Gausalves	10	10	10	10	18
Regina Simonis	10	10	10	10	11 -
Lydia Grossi	8,5	8,5	8,5	8,5	10 - 11
Cléo Rosário	8	8	8,5	7,5	10 -
Vitória Rossi	9	8,5	8,5	8,5	10
Adail Costa	10	10	10	10	8 - 12 p
Marina Moura	9,5	9,5	9	9,5	9
Marina Moura	9	9	9	9	11

Nota: Média final de Pelichek para o 1.º ano de Desenho e Pintura em 31 de outubro de 1932.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

Por fim, ainda no caderno de matrículas, consta que a artista obteve em desenho do segundo ano do curso superior, menção honrosa de 30 pontos. Ao visitar o acervo da CARS, é possível apreciar o diploma em desenho que Regina Simonis recebeu, dia 6 de dezembro de 1933, pelo Instituto de Belas Artes (Figura 25). Foram duas as exposições que Regina Simonis participou, nesse ano. A primeira ocorreu na Escola de Artes, e seu catálogo (Figura 26) pode ser encontrado no Arquivo Histórico do IA. Infelizmente, neste

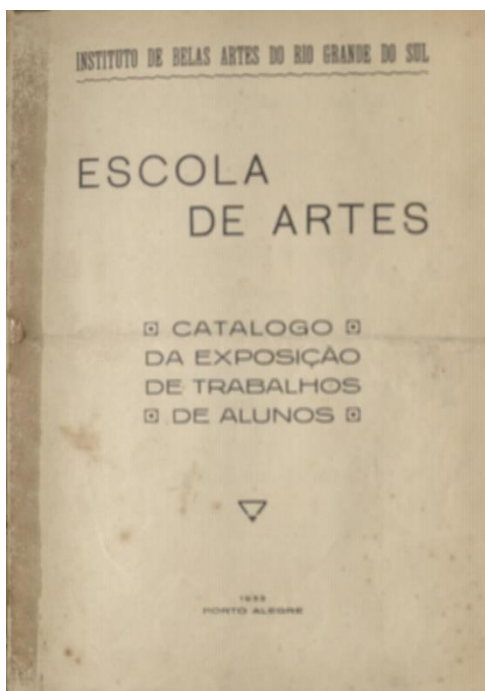
não apresenta fotografias como no catálogo do ano de 1929 e também não há nele o nome das obras, o que dificulta a localização das mesmas. Porém, novamente Regina Simonis ganhou destaque na mostra, pois foi a aluna que apresentou um total de 22 obras, sendo a que mais teve trabalhos expostos, conforme Figura 27.

**Figura 25 – Diploma do curso de Desenho do Instituto de Belas Artes à Regina Simonis, 1933**



Fonte: Acervo Casa das Artes Regina Simonis

**Figura 26 – Capa do Catálogo da Exposição de Trabalhos de Alunos do IBA, 1933**



Fonte: Arquivo Histórico do IA UFRGS.

**Figura 27 – Relação aluno/obra da Exposição de Trabalhos de Alunos do IBA,  
1933**

CURSO SUPERIOR	
CLÉO BOMÉRO	Nos. : 108 – 109 – 110 – 111
EUGENIA FARIA	Nos. : 112 – 113 – 114 – 115 – 116 – 117 118 – 119 – 120 – 121
FLÓRA GONÇALVES	Nos. : 122 – 123 – 124 – 125 – 126 – 127 128 – 129 – 130 – 131 – 132 – 133 134 – 135 – 136 – 137 – 138 – 139 140
MARIA BONOW	Nos. : 141 – 142 – 143 – 144 – 145 – 146 147 – 148 – 149 – 150 – 151 – 152 153 – 154 – 155 – 156 – 157 – 158
MARIA MIRANDA	Nos. : 159 – 160 – 161 – 162 – 163 – 164 165 – 166 – 167 – 168 – 169
REGINA SIMONIS	Nos. : 170 – 171 – 172 – 173 – 174 – 175 176 – 177 – 178 – 179 – 180 – 181 182 – 183 – 184 – 185 – 186 – 187 188 – 189 – 190 – 191
VITINHA BRAZ	Nos. : 192 – 193 – 194 – 195 – 196 – 197 198 – 199 – 200

Fonte: Arquivo Histórico do IA UFRGS.

A segunda exposição aconteceu no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, e foi divulgada em uma matéria do *Jornal da Manhã*, no dia 17 de dezembro de 1933. De autor desconhecido, a reportagem destaca a importância do Instituto de Belas Artes para a cultura do Estado do Rio Grande do Sul, além de apresentar o mestre Pelichek como “uma das melhores garantias do Instituto, na seção de pintura”<sup>32</sup>. Ao comentar sobre as diplomandas, a matéria indica que:

Neste ano que está por findar, quatro foram as alunas diplomadas pelo Instituto de Bellas Artes do Rio Grande do Sul. São as senhoritas Eugenia Faria, Flora Gonçalves, Regina Simonis e Vitinha Braz. Estas alunas concluíram brilhantemente o curso de seis anos, de pintura. Os “clichés” que ilustram a presente reportagem representam uma “Natureza Morta”, de Regina Simonis e “Retrato de uma Jovem Húngara”, de Flora Gonçalves. São duas telas traçadas com notável fidelidade, demonstrando o pendor artístico de quem as fez. Os contrastes, o colorido, o desenho, são revelações magníficas de futuras palhetas.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> [s.n.] A exposição do Instituto de Belas Artes. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 14 dez. 1933.

<sup>33</sup> [s.n.] A exposição do Instituto de Belas Artes. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 14 dez. 1933.

Como foi possível observar, mais uma vez o nome de Regina Simonis obteve reconhecimento. A artista não foi somente citada no *Jornal da Manhã*, em 1933, como também uma obra dela foi escolhida para fazer parte da ilustração desta reportagem. A Natureza Morta da artista deve ter chamado atenção dos críticos de arte da época, pois ainda na reportagem, comentam que viram “desenhos figurados, magníficos, traçados com grande fidelidade “[...] e, por fim, grande número de telas esplêndidas, principalmente no gênero natureza morta”.

Apesar de ter recebido o diploma em 1933, a artista não deixou seus estudos no Instituto nesse ano pois, conforme o AH-IA, Simonis reformou a matrícula em março de 1934 para repetir o último ano do curso superior, como forma de aperfeiçoamento. Este fato demonstra a dedicação e o empenho de Regina Simonis na busca do entendimento e melhor conhecimento daquilo que fazia. Não é de se estranhar que teve êxito em sua jornada como artista plástica.

Na primeira leitura que fiz de sua matrícula, confesso que fiquei um pouco surpresa com as notas de Regina Simonis. Constantemente recebia notas boas e o fato dela ter apresentado 15 obras no I Salão da Escola de Artes me leva a creer que foi uma aluna excepcional. Ao encontrar diversos trabalhos em sua pasta, pude constatar o quanto sua técnica era apurada e seu desenho, impecável. A Figura 28 é uma natureza morta em óleo sobre tela de 1934 que, ao exibir uma boneca ao lado de um samovar, demonstra a afeição que Regina Simonis tinha em pintar pequenos detalhes do cotidiano.

**Figura 28**

Regina SIMONIS (1900 – 1996)  
Sem título, 1934  
Óleo sobre tela, 61 x 52 cm  
Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil

No último ano de IBA, Regina Simonis recebeu de seu professor Francis Pelicheck um presente que certamente demonstra a delizadeza e o afeto que sentiam um pelo outro. O presente foi um desenho em pastel (Figura 29) que o artista tcheco fez para Regina. Nele, aparece uma freira vestindo seu hábito religioso e, ao seu lado, uma jovem menina, provavelmente aluna da irmã, com vestes de tom marrom e uma boina vermelha, como um uniforme. A imagem claramente nos remete à infância e à juventude de Regina, quando esta foi aluna de suas irmãs freiras nos Colégios São José e Bom Conselho.

**Figura 29**

Francis PELICHEK (1896 – 1937)  
 Sem título, 1934  
 Pastel sobre papel, 33 x 23 cm  
 Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil

Como Pelichek e Libindo Ferras eram os únicos professores durante o período que Regina Simonis foi aluna do Instituto de Belas Artes, certamente levava a um grande convívio entre professores e alunos. Possivelmente, Pelichek e Simonis se tornaram amigos e confidenciaram algumas memórias e experiências de suas vidas. Isto certamente esclarece o ato simpático de Pelichek ter entregado um presente de tamanha admiração para Regina. A obra atualmente encontra-se sob o domínio de Guido Koehler, preenchendo as paredes de sua sala.



### 3.3 DA ARTE UM OFÍCIO, DAS FLORES UMA PROFISSÃO

O reconhecimento ao talento de Regina Simonis e ao seu amor pela pintura veio na sua juventude, quando foi aluna do Colégio São José. A artista foi aos poucos colocando em prática seu dom de pintar ao aceitar encomendas enquanto estudava no Colégio Bom Conselho, em Porto Alegre. Depois, foi aprimorando suas obras a partir das técnicas acadêmicas que aprendia no Instituto de Artes. Porém, a arte não foi a única paixão de Regina Simonis. Após receber seu diploma, morou mais um ano em Porto Alegre para então, no final de 1934, voltar a morar com seus pais em Boa Vista, interior de Santa Cruz do Sul. Neste momento, a artista começou a se dedicar ao seu jardim e acabou se apaixonando pelas flores.

É possível observar a adoração de Regina por flores nos quadros que estão presentes no acervo da CARS ou naqueles que se encontram no acervo particular de Guido Koehler. Ao visitar a antiga casa da artista, pude entender de onde surgiu tanta inspiração para pintar as adoráveis flores. A casa é rodeada de rosas, camélias e “capuchinhas”, a tradicional flor comestível. Posteriormente, estas serão retratadas em suas obras, como demonstram as Figuras 30 e 31.

**Figura 30**



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1924  
Óleo sobre tela, 32 x 46 cm  
Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Autora.

**Figura 31**

Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1934  
Óleo sobre tela, 67 x 50 cm  
Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Sandra Richter

Em 1935, recém-formada em artes, Regina continua morando na propriedade da família em Boa Vista para cuidar de sua mãe. Porém, quatro anos depois, Gertrudes Stuelp falece, deixando seus dez filhos. Em seguida, a artista decide morar em Santa Cruz do Sul. No centenário de Regina Simonis, o jornal Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, fez uma singela homenagem à pintora nas palavras de Cristine Gallisa:

Morando em uma pensão, elaborava algumas pinturas religiosas, mas eram a confecção de arranjos de flores e a jardinagem que lhe garantiam a maior parte do sustento. Os poucos quadros que pintava presenteava aos mais próximos, como agradecimento por algum favor prestado (GALLISA, 2000, p. 5).

Além de retratar a beleza das flores em seus quadros, Regina Simonis também pode ser considerada uma das primeiras pessoas de Santa Cruz do Sul a levar a floricultura como profissão. Naquela época, ainda não haviam floriculturas na cidade, o que possibilitou, de certa forma, que o vasto jardim de Simonis fosse estimado pelos habitantes de Santa Cruz. O artista plástico Luiz Etges declarou em seu depoimento como era a rotina de sua tia:

Possuía hábitos definidos. Pela manhã mantinha o que hoje seria uma floricultura. Flores frescas cultivadas num imenso jardim, colhidas cedo e colocadas em baldes com água cada uma na sua ordem. Vendia muito bem, tinha excelente clientela. E, à tarde, a partir das 13h, pintava o cavalete ao lado da janela.<sup>34</sup>

O tempo de Regina Simonis foi se dividindo entre as flores e a pintura. Aparentemente, dedicava-se, igualmente, às duas paixões. Segundo o relato<sup>35</sup> de seu sobrinho, Leonardo Koehler, a artista tratava muito bem as flores e de cada uma era criada uma história. Guido Koehler também comenta que Regina gostava de fazer arranjos de flores para velórios e recebia encomendas por parte de freguesas fiéis<sup>36</sup>. A admiração pelas flores de Regina Simonis não permanecia apenas em seu jardim, mas também nos quadros em que retratava essas flores. Guido aponta que estes eram os que logo vendiam.

Grande parte do reconhecimento de sua obra se fez por causa de Guido Koehler. O sobrinho contou, na entrevista que realizei com ele, da vez que apresentou um quadro de sua tia para uma colega de trabalho que também havia se formado no Instituto de Belas Artes. A moça logo se encantou com a obra e, junto com seu marido que era jornalista, fizeram a primeira entrevista com Regina Simonis. Por conta da idade e da sua condição

---

<sup>34</sup> Depoimento concedido à autora, via e-mail, no dia 31/05/2019.

<sup>35</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 11/10/2019.

<sup>36</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 24/10/2019.

de saúde, o familiar da artista não lembrou o nome do casal, mas deixou claro que foi a partir dessa reportagem que outras pessoas foram se interessando na vida e obra de Simonis.

Com isso, Regina Simonis começou a receber encomendas de obras, principalmente de temas religiosos ou de natureza-morta, como pode ser visto nas figuras 32, 33 e 34. Lamento que muitas pessoas contemporâneas da artista não tenham dado a importância devida ao talento de Regina Simonis. Por ter sido aluna do eminente professor Pelicheck, um dos melhores artistas no Rio Grande do Sul, Simonis soube, como poucos, desfrutar desse aprendizado que, posteriormente, veio lhe trazer reconhecimento, mesmo que tarde. Os trabalhos realizados pela artista e que, atualmente, em sua grande maioria, encontram-se de posse de Guido Koehler, demonstram o tom realista de suas obras, as quais retratam o apreço da artista em relação a natureza, às pessoas e motivações religiosas.

**Figura 32**



Regina SIMONIS (1900-1996)

Sem título, sem data

Óleo sobre tela, 42 x 46 cm

Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil

Foto: Sandra Richter

**Figura 33**



Regina SIMONIS (1900-1996)

Sem título, 1968

Óleo sobre tela, 65 x 51 cm

Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil

Foto: Sandra Richter

Figura 34



Regina SIMONIS (1900-1996)  
 Sem título, 1971  
 Óleo sobre tela, 68 x 50 cm  
 Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil  
 Foto: Sandra Richter

A última entrevista que Regina Simonis concedeu foi para Astrid Kühn, que na época era estudante da UNISC. Realizada três meses antes da artista falecer, há uma frase de Regina Simonis que demonstra uma de suas insatisfações: “As pessoas preferem pagar por uma flor que dura poucos dias, a pagar por um quadro que é eterno”<sup>37</sup>.

Na madrugada do dia 07 de dezembro de 1996, no quarto número 44 do Hospital Ana Nery, veio a falecer a artista Regina Simonis, como consta na reportagem da Gazeta do Sul, escrita por Romar Beling<sup>38</sup>. O jornalista descreve brevemente sobre a vocação de Regina e, por conta disso, da sua decisão de estudar no IBA. Belling comenta que a artista “é reconhecida [...] como a primeira santa-cruzense a alcançar a formação superior no

<sup>37</sup> Regina Simonis *apud* KÜHN, 1996, p. 2.

<sup>38</sup> BELING, Romar. Artes ficam sem Regina Simonis. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 09 dez. 1996. Caderno Geral, p. 10.

campo das artes plásticas”. Por fim, ainda relata que uma das grandes mágoas da artista foi de não ter sido reconhecida enquanto ainda estava no auge de sua criação artística.

#### 4 LEGADO ARTÍSTICO

Até aqui, relatei e compartilhei diversos fatos da trajetória de vida da artista plástica Regina Simonis, junto com algumas percepções que tive sobre sua obra, além de relatos de familiares que contribuíram para que eu pudesse conhecer melhor esta talentosa artista que, infelizmente, não tem tido o devido reconhecimento público. Neste capítulo será tratado o legado artístico que ela deixou para Santa Cruz do Sul e o próprio Estado do Rio Grande do Sul. Legado, em latim, *legatum*, significa que é “algo deixado em testamento”, ou seja, em benefício de outra pessoa<sup>39</sup>. Neste sentido, posso dizer que Regina Simonis foi uma das artistas de Santa Cruz do Sul que melhor alcançou este propósito, deixando uma obra que, certamente, ultrapassa e transcende a esfera do particular, tornando-se objeto de interesse de toda uma comunidade.

Para a realização deste capítulo, as informações foram retiradas basicamente dos dois principais meios de comunicação impressos que há em Santa Cruz do Sul: a Gazeta do Sul e o Riovale Jornal. Foi a partir de 1993 que Regina Simonis começou a se tornar um nome mais conhecido e mais pesquisado pelos jornalistas da cidade, o que, com certeza, facilitou meu trabalho. Todos os periódicos que utilizei na pesquisa fazem parte do acervo pessoal de Guido Koehler, que, gentilmente, me colocou à disposição, tornando minha tarefa um pouco menos árdua. A partir daí, foi mais tranquilo catalogar todo esse material e separá-lo por assunto e data.

É sabido que Regina Simonis aceitava encomendas de pinturas de sua freguesia santa-cruzensense, sendo que, muitas vezes, os pedidos partiam dos próprios familiares da artista. Destaco, no entanto, que ao me deparar com diversas cartas dirigidas à Regina, observei que por volta dos anos 50 a artista recebeu inúmeras encomendas por parte da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã de Santa Maria, RS. Este fato, por si só, demonstra que seu legado artístico e cultural ultrapassava as fronteiras de seu município de origem.

O conteúdo destas cartas abrange a quantidade de pinturas encomendadas, o tema delas – sempre de motivo religioso –, a data de entrega e, por vezes, o preço do pedido. Na figura 35, é possível observar um exemplo destas cartas. Nesta, Regina Simonis recebeu, em 1954, um agradecimento das Irmãs Franciscanas por ter enviado para Santa Maria uma parte do pedido das pinturas. Não foi possível realizar o resgate destas obras,

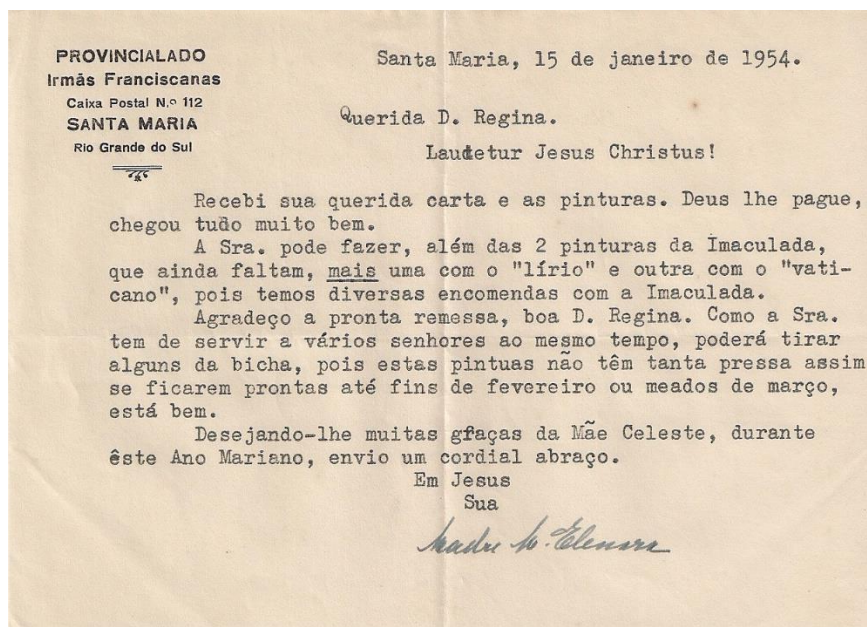
---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=legado>. Acesso em: 05 nov. 2019



porém é interessante pensar que Regina Simonis deixou parte de seu legado em Santa Maria também.

**Figura 35 – Carta com pedido de pinturas da Congregação das Irmãs Franciscanas de Santa Maria à Regina Simonis, 1954**



Fonte: Acervo pessoal de Guido Koehler.

Nas entrevistas que realizei com os familiares me foi possível observar a insatisfação de Regina Simonis por ter sido reconhecida somente no final de sua vida. Teria esta insatisfação origem no fato de que a artista não conseguia o seu sustento econômico somente com a profissão que escolheu para sua vida? Esta resposta, possivelmente, ficará sempre aberta, uma lacuna a ser preenchida em próximas pesquisas que certamente serão realizadas sobre a vida e obra de Regina Simonis. O certo é que, apesar das encomendas de pintura para Santa Maria e Santa Cruz do Sul, a artista tinha que complementar sua fonte de renda com a venda de flores que cultivava em seu próprio jardim doméstico.

Em agosto de 1993, a pintora recebeu a visita de uma jovem jornalista, atual professora de Comunicação da UNISC, Fabiana Piccinin. Nesta reportagem de uma página inteira do antigo Jornal *O Éco*, além da manchete na capa (Figura 36), pode-se ler alguns relatos de Regina Simonis, os quais Piccinin registrou com muito entusiasmo nessa primeira entrevista com a artista<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> Segundo os periódicos consultados durante a pesquisa de fontes primárias, não encontrei entrevistas realizadas com Regina Simonis antes de agosto de 1993, data que esta recebeu a visita de Fabiana Piccinin.

**Figura 36 – Manchete do Jornal O Éco, 1993**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler

A sua primeira homenagem veio três meses após a elogiável reportagem do Jornal *O Éco*. A Câmara de Vereadores de Santa Cruz do Sul conferiu a Regina Simonis, no dia 30 de novembro, o título de Cidadã Honorária, como demonstra na figura 37. Neste momento, a artista já estava com seus 93 anos, morando em um pequeno quarto da ala geriátrica do Hospital Ana Nery.

**Figura 37 – Placa em homenagem à Regina Simonis, 1993**



Fonte: Acervo Casa das Artes Regina Simonis

Após a gentil homenagem prestada pela Câmara de Vereadores de Santa Cruz do Sul em 1993, a figura da artista começou a ter um maior reconhecimento pela sociedade. Foi assim que Regina Simonis, pela primeira vez, foi convidada a realizar uma exposição individual para mostrar ao público suas obras. Os trabalhos foram expostos no Centro de Cultura Jornalista Francisco J. Frantz, na antiga Estação Férrea de Santa Cruz do Sul. A mostra, denominada *Reflexos sobre uma época*, foi inaugurada dia 02 de agosto de 1994, podendo ser visitada pelo público até o dia 15 do mesmo mês. A divulgação desta primeira exposição foi feita pelo Riovale Jornal, que fez uma breve matéria sobre tal acontecimento, como pode-se ver na Figura 38.

**Figura 38 – Reportagem sobre a primeira exposição individual de Regina Simonis, Riovale Jornal, 30/07/1994**



Fonte: Acervo Pessoal Guido Koehler

Estes últimos acontecimentos foram realizados em intervalos de tempo bem próximos, o que provavelmente trouxe certa fama à artista, que se encontrava àquela altura, em absoluto anonimato. Este novo contexto foi favorável para transformar seu nome e imagem, ao ponto de torna-la a artista mais popular em Santa Cruz. Foi então que, devido a sua atuação como “artista da cidade”, e por ser a mais antiga artista plástica em atividade nos anos 90, que a Associação Pró-Cultura de Santa Cruz do Sul decidiu prestar uma homenagem definitiva, eternizando sua obra, ao nomear o prédio mais imponente da cidade, antigo Banco Pelotense, como Casa de Artes Regina Simonis. Apesar da idade e de sua dificuldade em pintar como quando era jovem, Regina Simonis persistiu fazendo o que mais gostava, pintar e cultivar flores, até a data de sua morte em 1996.

A Associação Pró-Cultura de Santa Cruz do Sul foi fundada em 16 de junho de 1988, por um grupo de intelectuais, com apoio de empresários e demais entidades preocupadas com o destino da arte e da cultura do município<sup>41</sup>. Foi neste espaço, fértil em debates artísticos e culturais, que surgiu a ideia de eternizar Regina Simonis, fato que se consolidou, ao lembrarem de seu nome para a casa de artes da cidade. A entidade reunia-se no Centro de Cultura Jornalista Francisco José Frantz até receber, em 1994, o direito de uso do antigo Banco Pelotense, localizado na Rua Marechal Floriano. O imóvel foi inaugurado em 1922 (Figura 39) e também passou pelas mãos do Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A. (BANRISUL) e pela Exatoria Estadual. O prédio foi cedido para a Associação Pró Cultura através de um decreto do então governador do estado, Alceu Collares. Conforme o breve histórico sobre a CARS<sup>42</sup> que obtive acesso ao visitar seu acervo, o Pró-Cultura

É uma entidade filantrópica, composta por membros da comunidade que buscam recursos para manter este espaço cultural em local privilegiado, com o objetivo de incentivar, desenvolver e divulgar na região, as múltiplas manifestações artísticas e culturais, mantendo a cultura viva na cidade através de cursos, oficinas, exposições e eventos.

---

<sup>41</sup> ASSOCIAÇÃO PRÓ-CULTURA DE SANTA CRUZ DO SUL. *Breve histórico da Casa das Artes Regina Simonis*. Santa Cruz do Sul: [s.n.], [s.d.]. Documento do Arquivo Histórico da Casa das Artes Regina Simonis.

<sup>42</sup> ASSOCIAÇÃO PRÓ-CULTURA DE SANTA CRUZ DO SUL. *Breve histórico da Casa das Artes Regina Simonis*. Santa Cruz do Sul: [s.n.], [s.d.]. Documento do Arquivo Histórico da Casa das Artes Regina Simonis.

**Figura 39 – Prédio do antigo Banco Pelotense, atual sede da Casa das Artes Regina Simonis, 1922**



Fonte: Arquivo Histórico da Casa das Artes Regina Simonis.

No dia 03 de outubro de 1995, a Associação Pró-Cultura muda de endereço passando a ocupar, definitivamente, a sua nova sede na Casa das Artes Regina Simonis. A inauguração oficial ocorreu neste dia às 20h30, com um coquetel de abertura junto a uma exposição coletiva, a *Restaur'Arte*, que reunia trabalhos de 16 artistas plásticos da região do Vale do Rio Pardo e Taquari<sup>43</sup>. Devido à necessidade imediata de restauração de afrescos, colunas, pintura e reparos que evitem infiltração, as obras que estavam presentes nesta mostra foram à venda e a arrecadação do montante foi utilizado para a melhoria na infraestrutura do prédio. Por isso, o sugestivo nome da exposição foi *Restaur'Arte*.

Até este momento, ainda não havia obras de Regina Simonis no local, apenas o seu nome estava relacionado a Casa das Artes. Somente em 2002 o prédio começou a abrigar algumas obras da artista. No final da tarde do dia 03 de outubro de 1995, segundo

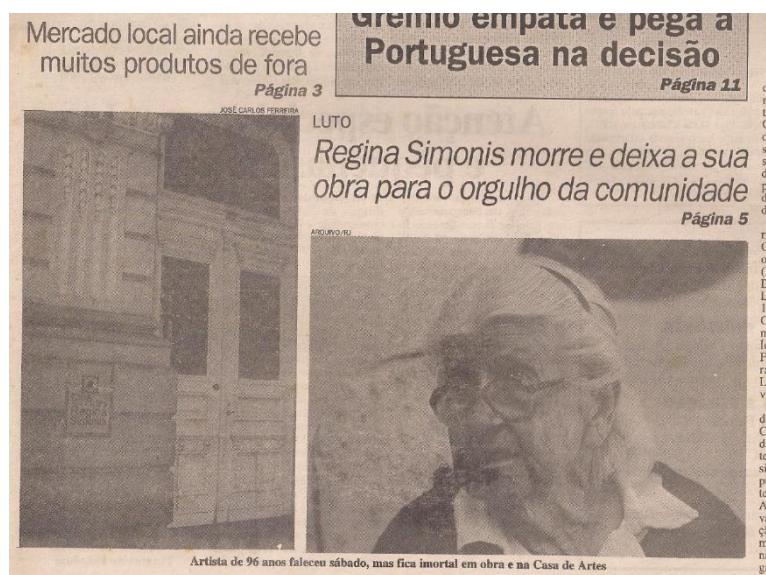
<sup>43</sup> ULRICH, Mauro. É hoje o batismo da sede da Pró-Cultura. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 03 dez. 1995. Variedades, p. 24.

o relato da reportagem que a Gazeta do Sul fez<sup>44</sup>, a artista recebeu em seu quarto no Hospital Ana Nery a visita do então presidente do Pró-Cultura, Sr. Bruno Faller. Neste encontro, Regina Simonis ganhou como lembrança da diretoria, uma placa em sua homenagem, a qual, infelizmente, não encontrei no acervo atual da CARS e nem mesmo no acervo pessoal de Guido Koehler.

Um ano depois desta significativa homenagem, a capa do *Riovale Jornal* noticia o falecimento da artista com a manchete “Regina Simonis morre e deixa a sua obra para o orgulho da comunidade”, como é possível observar na figura 40. O jornalista José Carlos Ferreira conta que a pintora faleceu às 5 horas da manhã do dia 7 de dezembro de 1996, no quarto 44 do Hospital Ana Nery. Ferreira aponta que Regina deixou “um patrimônio inigualável em seus quadros e o seu nome confundido com a história da cultura de Santa Cruz do Sul” (FERREIRA, 1996, p. 5). A matéria revela que uma bandeira preta foi posta respeitosamente em frente à Casa das Artes Regina Simonis, em sinal de luto. O autor também destaca que:

Mais do que nunca [...], é a partir deste prédio que a cultura, especialmente a produzida no município, precisa ser vivida com maior intensidade, para fazer jus ao nome da sua patronesse. [...] O vice-presidente da Pró-Cultura, Irineu di Mário, entende que Regina Simonis teve um privilégio merecido e que poucos receberam: o de ser homenageada em vida com a escolha do seu nome para a casa da cultura (FERREIRA, 1996, p. 5).

**Figura 40 – Manchete anunciando a morte de Regina Simonis, Riovale Jornal, 09/12/1996**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler

<sup>44</sup> Ibidem, p. 24.

O jornal com maior circulação na cidade natal de Regina Simonis, a *Gazeta do Sul*, também reservou uma página inteira na sua edição do dia 09 de dezembro de 1996, para tratar o falecimento da artista. O autor da reportagem, Romar Beling, informou que o velório ocorreu no Hospital Santa Cruz e o sepultamento foi realizado no fim da tarde do dia 07, no Cemitério Católico. Beling aponta na reportagem, que a artista pintou até agosto de 1996, produzindo uma média de dois quadros por mês. No fim da matéria, o autor menciona a personalidade forte de Regina Simonis que acabou marcando outros artistas da cidade:

Pessoa simples, mas extremamente perfeccionista, influenciou inúmeros artistas locais, como o já falecido Gilberto Dassow (um declarado admirador de sua obra). O espanhol Santiago González, também muito amigo de Regina, a define como “artista de mão cheia, única” (BELING, 1996, p. 10).

Após o falecimento da artista, seu herdeiro e sobrinho, Guido Koehler, colocou à venda diversas obras que possuía em seu acervo. Segundo reportagem da *Gazeta do Sul* (Figura 41), Guido exigiu que somente efetuar a venda do trabalho de sua tia caso o comprador comprometer-se de repassar a obra para a Casa das Artes Regina Simonis, como forma de preservar a memória desta artista tão importante para Santa Cruz do Sul e região.

**Figura 41 – Reportagem sobre a venda de parte das obras de Regina Simonis que estavam sob o domínio de seu sobrinho, Guido Koehler, 1997**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler

Logo mais, em junho de 1997, é inaugurada na Casa das Artes a Sala Regina Simonis, que na verdade encontra-se no cofre do antigo Banco Pelotense<sup>45</sup>. Ali estavam expostas obras da artista, documentos, móveis e os materiais que ela utilizava na confecção de seus quadros. A história guardada neste cofre ficou em permanente exibição por mais de dez anos. Recentemente, tornou-se um espaço a mais na Casa das Artes para a realização de exposições de arte.

O centenário de Regina Simonis ocorreu no ano 2000 e foi marcado pelo início da primeira etapa das reformas do prédio em que se encontra a CARS<sup>46</sup>. Apesar do reconhecimento ao talento da artista ter sido tardio, o município de Santa Cruz do Sul continuava a preservar a memória cultural que Simonis deixou ao falecer. A matéria da Gazeta do Sul de junho de 2000 faz uma retrospectiva da vida e obra de Regina e comenta que seu sobrinho, Guido, recebeu uma proposta de venda de todo o acervo. Segundo a autora da reportagem, Cristine Gallisa, o acervo foi avaliado por um investidor em aproximadamente R\$ 35.000,00. Gallisa aponta qual foi o parecer de Guido Koehler na época:

Ele não esconde, porém, que gostaria de repassar o conjunto das obras para a Unisc, que há alguns anos havia manifestando interesse em adquiri-lo. “Seria interessante que esses trabalhos pudessem ficar em um único local para serem admirados pelas pessoas. Se não for assim, não tem sentido”, diz ele (Guido Koehler) (GALLISA, 2000, p. 6).

O desejo de Guido logo se tornou realidade. Foi criado, em setembro de 2000, o projeto denominado “Aquisição de telas – Regina Simonis”, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura e a Lei de Incentivo à Cultura. No projeto, consta que parte do acervo de Regina Simonis seria doado pelo empresário Geraldo Koehler, na época presidente da Igel S. A. Embalagens e primo de Guido Koehler, para a Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul – APESC-UNISC, que havia combinado com a então diretora da Casa das Artes Regina Simonis que o acervo ficaria ali exposto permanentemente<sup>47</sup>.

Na folha-resumo do projeto consta que o período de realização do mesmo seria de janeiro de 2001 a dezembro de 2001 e que o proponente foi o professor Luiz Augusto Costa A Campis (1956). O projeto se sustentava em adquirir 15 telas com moldura, 20

---

<sup>45</sup> MACHADO, César. A sala de Regina Simonis. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 16 jun. 1997. Panorama Geral, p. 2.

<sup>46</sup> GALLISA, Cristine. Um reconhecimento ao talento. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 10 jun. 2000. Caderno de Cultura, p. 5.

<sup>47</sup> CAMPIS, Luiz Augusto Costa A. *Aquisição de Telas da Artistas Plástica Regina Simonis*, Santa Cruz do Sul, set. de 2000. Projeto de Aquisição de Telas.



estudos em crayon, um exemplar original do Jornal Folha da Manhã, de 1933, com a divulgação da exposição dos alunos do IBA e, por fim, o diploma de Regina Simonis. Tudo isto para fins de doação à APESC-UNISC, além de também exigir uma exposição permanente destes trabalhos na Casa das Artes para garantia do acervo e para promover o livre acesso das pessoas ao mesmo. A justificativa do projeto, em relação ao desenvolvimento cultural do Estado, enunciava que:

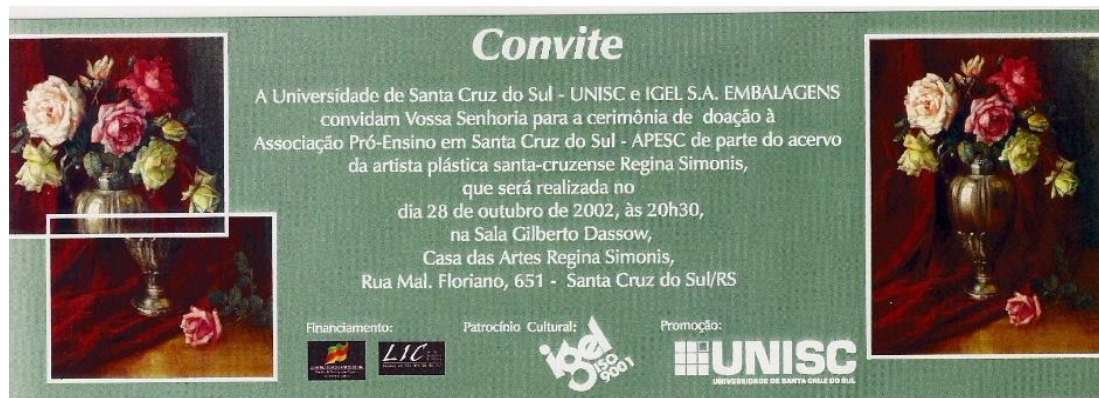
O trabalho da artista plástica Regina Simonis contribuiu efetivamente para o desenvolvimento cultural do estado, pois foi uma das primeiras alunas a frequentar o Instituto de Belas Artes do RS. Desta forma, foi decisiva sua participação, pois a sua presença assegurou a continuidade de oferta do curso, tendo em vista que sua turma era constituída por somente 4 alunos, e ano a ano, foi crescendo este contingente, até se tornar o que é hoje, e o que o Instituto de Artes representa para o desenvolvimento das artes no Rio Grande do Sul (CAMPIS, 2000, p. 5).

Nota-se que a justificativa do projeto de aquisição das telas de Simonis, leva muito em conta a sua importância para a sociedade:

A biografia de Regina Simonis [...] e a qualidade de seu trabalho[...], tem relevância para a sociedade, uma vez que ela foi pioneira na história de Santa Cruz do Sul a realizar o curso superior em artes plásticas. Na capital do Estado, sendo ela uma mulher habitante do interior do município, no início do século. Regina Simonis representa para a sociedade um exemplo de coragem, disciplina e persistência, pois superou obstáculos que para a maioria das pessoas na época, seriam intransponíveis. Foi reconhecida formal e oficialmente pela sociedade santa-cruzense, quando em 1995 o prédio da Associação Pró-Cultura de Santa Cruz do Sul recebeu a denominação de Casa das Artes Regina Simonis, immortalizando, assim, esta artista (...). Adquirindo telas de alta cotação artística e de mercado da artista Regina Simonis, estaremos contribuindo para que se preserve este patrimônio e para que nossa sociedade tenha acesso a este acervo que estará em permanente exposição, numa proposta real de democratização da cultura (CAMPIS, 1995, p. 5).

Somente em outubro de 2002 que ocorreu o evento de doação de parte do acervo de Regina Simonis à APESC. A cerimônia aconteceu na Sala Gilberto Dassow da Casa de Artes, sendo um ato público para prestigiar a memória e o legado artístico de Regina. O convite para este evento (Figura 42) até hoje é guardado carinhosamente pelo sobrinho da artista.

**Figura 42 – Convite para a cerimônia de doação das obras de Regina Simonis à APESC, 2002**



Fonte: Acervo pessoal Guido Koehler.

Atualmente, as obras de Regina não estão expostas ao público, o que, de certa forma, deixa de honrar o legado e o nome da artista. Desta maneira, o próprio projeto de aquisição de suas telas, que provavelmente não foi tarefa fácil para quem o fez e conquistou, encontra-se maculado. Os trabalhos da artista estão todos no segundo andar da Casa das Artes, porém de portas fechadas para o público, como demonstra a figura 43. Encontram-se em estado de deterioração por estarem em um ambiente mais úmido e com a presença de insetos. Felizmente, alguns membros da comunidade, entre eles o sociólogo Luiz Augusto Campis, reitor da UNISC de 2006 a 2008, estão, aos poucos, colocando em prática a ideia de criar uma pinacoteca na UNISC. Com isso, as obras de Regina Simonis seriam transportadas para a Universidade, ocupando um novo espaço como forma de mantê-las e preservá-las adequadamente.

**Figura 43 – Sala onde se encontram as obras de Regina Simonis na Casa das Artes, 2019**



Foto: Autora

A última exposição individual das obras de Regina Simonis ocorreu em janeiro de 2013<sup>48</sup>. A mostra, denominada *Regina Simonis: ontem, hoje e sempre* foi uma promoção da Associação Pró-Cultura em parceria com a UNISC, permanecendo aberta ao público até o dia 23 de fevereiro daquele ano. Até o momento, não consta ter havido alguma exposição de suas obras que estejam em domínio privado. Pela quantidade de obras que existem em propriedades particulares, ou que fazem parte de acervos privados, posso imaginar a possibilidade de uma exposição com essas obras na Casa de Artes que imortaliza seu nome. Seria uma forma de homenagear esta artista que, certamente, deixou um enorme acervo em sua trajetória de vida.

Além da CARS, em Santa Cruz do Sul há outra instituição a qual abriga obras de Regina Simonis. O Museu do Colégio Mauá, fundado em 1966, é um espaço histórico-cultural que faz parte do roteiro turístico do Vale do Rio Pardo e é referência para a região<sup>49</sup>. Com um acervo baseado em doações feitas pela comunidade regional, o Museu ganha destaque por conter em torno de 140 mil peças, entre elas arqueológicas, históricas e etnográficas. Ao visitar a instituição, a diretora do Museu, Maria Luiza Rauber Schuster (1961), mostrou-me a coleção de obras de arte de artistas locais, dentre elas duas de

<sup>48</sup> SEVERGNINI, Cristina. Regina Simonis, ontem hoje e sempre. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 16 jan. 2013. Caderno Mix, p. 01.

<sup>49</sup> COLÉGIO MAUÁ. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <<http://www.maua.g12.br/maua/museu>>. Acesso em: 06 nov. 2019

Regina Simonis. Uma das obras, representando Santa Cecília (Figura 44), a padroeira dos músicos e da música sacra, logo me chamou a atenção. Como foi visto no primeiro capítulo, o avô de Regina Simonis, Peter Constantin, trouxe seu piano da Alemanha e logo instaurou cultura e educação na região do interior de Santa Cruz do Sul.

**Figura 44**



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1929  
Óleo sobre tela, 59 cm x 100 cm  
Museu do Colégio Mauá, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Autora.

Em Santa Cruz do Sul há famílias que possuem obras de Regina Simonis. Algumas adquiriram por meio de herança, outros por encomenda. A senhora Ingeborg Olga Helena Kliemann (1932), por exemplo, possui em sua residência cinco quadros de Regina Simonis, dentre os quais aqueles que a artista pintava em troncos de árvore. Ao conversar com ela, me contou que na época que Regina Simonis ainda era viva, sua mãe encomendava algumas obras de arte para decorar a casa. Atualmente os trabalhos de Simonis estão guardados com muito carinho e afeto por Kliemann, que os faz lembrar de sua mãe.

Sandra Regina Simonis Richter, sobrinha-neta da artista, além de ter recebido parte de seu nome em homenagem à sua tia, Regina Simonis, também possui em sua casa alguns trabalhos significativos. Um deles é uma paisagem (Figura 45), tema este que pode

ser considerado atípico ao analisar a obra de Regina Simonis. Durante a pesquisa, somente encontrei duas paisagens, essa que se encontra sob domínio de Sandra Richter e outra que faz parte do acervo da CARS. A residência dos Richter também dispõe de diversas pinturas à óleo que foram feitas em pequenas madeiras, a maioria retratando a vida dos animais ou das crianças.

**Figura 45**



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1932  
Óleo sobre tela, 42 x 68 cm  
Coleção Sandra Richter, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Sandra Richter

Guido Koehler se tornou um colecionador e apreciador das obras de sua tia (Figura 46). São mais de 15 exemplares enquadrados em sua casa, além de um álbum da época do Instituto de Belas Artes com diversos estudos de Regina Simonis. Compõe também o acervo, uma caixa com centenas de cartas da artista trocadas com suas irmãs. Guido, com certeza, teve uma participação crucial na vida de Regina Simonis, pois foi ele quem atuou durante vários anos como *marchand*<sup>50</sup> da artista. O sobrinho de Regina nunca deixa de ressaltar o esforço realizado por ela ao escolher se sustentar a partir de vendas de quadros

<sup>50</sup> *Marchand* é uma palavra de terminologia francesa e que designa o profissional que negocia obras de arte, seja comprando-as ou vendendo-as.

e arranjos de flores. Não teria sentido, segundo ele, deixar que esta história fosse esquecida ou restrita ao público de Santa Cruz do Sul. Ao vender parte do acervo, sua tarefa foi incansável no sentido de preservar parte do acervo de sua tia e avaliar quais obras seriam as melhores para a apreciação do público na Casa das Artes. Destaco também, seu apreço em guardar todos os materiais que possui de sua tia, o que, também viabilizou para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

**Figura 46 – Guido Koehler em sua sala de estar com um quadro de Regina Simonis à esquerda, 2019**



Foto: Autora.

Por fim, há alguns trabalhos de Regina Simonis em Boa Vista, na Pousada Camponesa. O hotel tem como proprietário o sobrinho-neto da artista, Adroaldo Etges, que decidiu prestigiar os visitantes e turistas ao criar um pequeno recanto com os móveis antigos pertencentes à família Simonis. Além dos utensílios, como o rádio dos pais de Regina e as máquinas de costura de sua mãe, há belos desenhos datados de quando era jovem e ainda nem havia ingressado no IBA. A figura 47 demonstra a delicadeza que a família Etges teve ao acomodar os instrumentos de seus antepassados. Os visitantes também podem abrir um baú de que constam cadernos das meninas Simonis, da época do colegial, cartas, bíblias e diversos polígrafos que contam a história da família.

**Figura 47 – “Pequeno museu” da família Simonis que se encontra na Pousada Camponesa, Boa Vista, Santa Cruz do Sul, 2019**



Foto: Autora.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei, nesta monografia, resgatar a trajetória de vida e o legado artístico de Regina Simonis, dando destaque à sua formação acadêmica, no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre e para à sua produção, tão pouco estudada. Simonis, uma artista precursora de seu tempo, saiu ainda jovem do interior de Santa Cruz do Sul para estudar com suas irmãs, primeiramente em São Leopoldo e, muito tempo depois, na capital. Procurei evidenciar, conhecer e divulgar essa artista que, com um diploma em pintura, deu nome a uma casa de cultura de Santa Cruz do Sul. Assim, espero que este trabalho seja o primeiro passo para seu devido reconhecimento.

A partir de fontes documentais primárias que encontrei em artigos e notícias de jornais, correspondências e diários da família, além de entrevistas que realizei com pessoas próximas a artista, procurei dar um sentido lógico e cronológico a esta rica história vivida por Regina Simonis, desde sua infância, passando pela vida acadêmica, no Instituto de Artes em Porto Alegre, até sua morte, em 1996, em Santa Cruz do Sul – sua terra natal.

Inicialmente, abordei questões genealógicas e étnicas da artista Regina Simonis. Vimos que era descendente de uma família muito religiosa e que valorizava a leitura, a música e a educação das crianças. Sua infância foi cercada por uma natureza abundante o que pode ter influenciado sua futura vocação para a arte. Diferente de suas irmãs, que seguiram uma carreira religiosa, Regina optou por ter uma vida independente e reclusa. Sua introspecção foi marca de sua personalidade, o que pode ter sido fundamental para encaminhar sua carreira profissional.

Como aluna, Simonis destacou-se no período logo após formada, sendo a que mais apresentou obras nas exposições de trabalhos dos alunos no ano de 1929 e de 1933. O convívio com os professores do curso teve muita influência em suas obras, permitindo seu aprimoramento nas técnicas acadêmicas. A troca de ideias e de experiências que teve com Francis Pelichek, durante os anos que cursou no IBA, tornou possível a criação de uma amizade, a qual resultou numa bela pintura como presente, do professor à aluna.

Apesar de uma biografia muito rica, pude perceber que as principais fontes documentais, encontravam-se dispersas e fragmentadas, tornando o trabalho de reuni-las, muito dispendioso. Foi um grande desafio para mim, identificar, recolher e organizar todo esse material, embora de grande valia, pois cada um deles possibilitou que eu pudesse ampliar os meus conhecimentos sobre a trajetória dessa brilhante artista. Devo salientar,



também, as inúmeras pessoas com que tive contato que, embora não citadas aqui, foram de grande importância para realizar o meu trabalho. Foram muitas que, ao saber que estava realizando o Trabalho de Conclusão de Curso em História da Arte sobre Regina Simonis, indicavam, com muito entusiasmo, fontes escritas, fotos, obras de arte e pessoas com quem eu poderia conversar a respeito do tema que me propus a estudar e pesquisar.

Dadas as dificuldades e limitações encontradas, devo dizer que esta pesquisa não teve a pretensão de dar conta da totalidade de sua vida e as obras realizadas por Regina Simonis. Muitas lacunas ainda se encontram abertas e, certamente, serão preenchidas por novas pesquisas. Minha contribuição tem o objetivo de dar continuidade a aquilo que muitas pessoas já vêm realizando ao longo do tempo: preservar a memória da artista. Ao organizar o que estava disperso, penso ter colaborado para que, em futuras pesquisas, o ponto de partida do pesquisador tenha um campo amplo e mais seguro para sua investigação científica.

Gostaria de deixar registrada minha percepção de que, infelizmente, em nosso país, a cultura, de um modo geral, recebe pouco destaque por parte da sociedade e do próprio Estado. A Casa de Artes Regina Simonis é um exemplo de como a educação e a cultura não são prioridade, recebendo pouca atenção por parte das autoridades. Restaurar o prédio da Casa de Artes é uma necessidade imediata. As obras de arte depositadas em seu interior correm riscos de danos irreparáveis. Iniciativas estão sendo realizadas por muitos integrantes da comunidade santa-cruzense no sentido de recuperar esse centro histórico. Por ora, no entanto, não vejo algo de concreto que vislumbre o andamento das obras de restauração. Embora haja entraves burocráticos que dificultem a execução do projeto de restauração do prédio, talvez pelo seu custo muito elevado, continuo otimista, e penso que, em um futuro próximo, teremos um final feliz.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Edmundo José (Org). *Genealogia, Imigração: Crônica das Famílias Assmann e Simonis*. Santa Cruz do Sul: [s.d.].
- ASSOCIAÇÃO PRÓ CULTURA DE SANTA CRUZ DO SUL. *Breve histórico da Casa das Artes Regina Simonis*. Santa Cruz do Sul: [s.n.], [s.d.]. Documento do Arquivo Histórico da Casa das Artes Regina Simonis.
- AVANCINI, J. A.; BULHÕES, M. A. *Artistas Professores da UFRGS*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Museu da UFRGS, 2002.
- BELING, Romar. Artes ficam sem Regina Simonis. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 09 dez. 1996. Caderno Geral, p. 10.
- BOHNS, Neiva. *Continente Improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX*. 2005. 383 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 238-263, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/viewFile/5736/3326>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- BOROWSKY, José Augusto. Memória: quem foi Peter Konstantin Simonis. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 09 dez. 2018.
- CAMPIS, Luiz Augusto Costa A. *Aquisição de Telas da Artistas Plástica Regina Simonis*, Santa Cruz do Sul, set. 2000. Projeto de Aquisição de Telas.
- CHAVES, Ricardo. Francis Pelichek. *Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de junho de 2019. Almanaque gaúcho, p. 36.
- ETGES, Luiz. *Regina...uma mulher à frente de seu tempo*. 2019. 1 p. Depoimento concedido à autora.
- FERREIRA, José Carlos. Regina Simonis imortalizada pela arte. *Riovale Jornal*, Santa Cruz do Sul, 09 dez. 1996. Caderno Geral, p. 5.
- GALLISA, Cristine. Um reconhecimento ao talento. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 10 jun. 2000. Caderno de Cultura, p. 5.
- GOMES, Paulo (Org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- GOMES, Paulo (Org.). *Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: Catálogo Geral – 1910–2014*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.
- KÜHN, Astrid. Regina Simonis: a vida contada em quadros. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 07 set. 1996. Caderno de Sábado, p. 2.
- LIBINDO Ferrás e Francis Pelichek. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal. Projeto Caixa: Resgatando a Memória. 1998.
- MACHADO, César. A sala de Regina Simonis. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 16 jun. 1997. Panorama Geral, p. 2.

MOTTA, Alyne. Casa das Artes: Regina Simonis de volta ao lar. *Riovale Jornal*, Santa Cruz do Sul, 15 jan. 2013

MUELLER, Cristiana Verônica. Vida e arte de Regina Simonis. *Unicom*, Santa Cruz do Sul, n. 3/ano 07, junho de 2003. p.10.

PICCININ, Fabiana. A arte não tem idade. *O Éco*, Santa Cruz do Sul, n. 03, agosto de 1993. p. 23.

RICHTER, Sandra. *Biografia da Artista Regina Simonis*. Sem data, Santa Cruz do Sul.

ROSA, R.; PRESSER, D. *Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

SEVERGNINI, Cristina. Regina Simonis, ontem hoje e sempre. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 16 jan. 2013. Caderno Mix, p. 01.

SIMON, Cirio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia do sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul*. 2002. 662 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SIMON, Cirio. *Dois diários (1920-1930) do professor Francis Pelichek (1896-1937)*. Pesquisa decorrente da Tese: *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia do sistema das artes visuais no Rio Grande do Sul – PUC – FFCH*, Porto Alegre, 2002.

ULRICH, Mauro. É hoje o batismo da sede da Pró-Cultura. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 03 dez. 1995. Variedades, p. 24.

VARGAS, Rosane. *Excluídas da memória: mulheres no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1939-1962)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

WINK, Ronaldo. *Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

[s.n.] Apesc recebe acervo da artista Regina Simonis. *Boletim da UNISC*, Santa Cruz do Sul, 01 nov. 2002.

[s.n.] A Exposição do Instituto de Belas Artes. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 17 dez. 1933

### **Carta**

SIMONIS, Lucia. [Carta] 09 fev. 1964, São Leopoldo [para] Regina Simonis, Santa Cruz do Sul. 2 p. Transcrição feita pela autora.

### **Catálogos**

INSTITUTO DE BELLAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. *Salão da Escola de Artes I*: catálogo. Porto Alegre, 1929. 28 p. Catálogo da exposição do primeiro Salão da Escola de Artes, novembro de 1929.

### **Sites da internet**

COLÉGIO MAUÁ. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <http://www.maua.g12.br/maua/museu>. Acesso em: 06 nov. 2019

COLÉGIO SÃO JOSÉ. Apresenta informações gerais sobre a instituição. Disponível em: <http://www.saojosesl.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2019

ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=legado>. Acesso em: 05 nov. 2019

## APÊNDICE A – Cronologia de Regina Simonis

Nome completo: Regina Simonis

Data de nascimento: 11/06/1900, Boa Vista, Rio Grande do Sul, Brasil

Data de falecimento: 07/12/1996, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Filiação: Guilherme Simonis e Gertrudes Stuelp

1916 Inicia seus estudos no Colégio São José, São Leopoldo, RS

1929 Ingressa no Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS

1929 Participa do Salão da Escola de Artes, Porto Alegre, RS (15 obras expostas)

1930 Frequenta o Curso Médio: II ano, de Francis Pelichek

1931 Frequenta o Curso Médio: III ano, de Francis Pelichek

1932 Frequenta o Curso Superior: I ano e o Curso Superior: III ano

1933 Participa da Exposição Anual do Instituto de Belas Artes, no Theatro São Pedro.

1933 Recebe o Diploma do Instituto de Belas Artes, sendo aprovada com Menção Honrada no exame final do curso de desenho

1993 A Câmara de Vereadores de Santa Cruz do Sul conferiu à artista Regina Simonis o título de Cidadã Honorária

1994 Exposição individual “Reflexos sobre uma época”. Centro de Cultura Jornalista Francisco J. Frantz, Santa Cruz do Sul, RS

1995 Recebe homenagem pela Associação Pró Cultura de Santa Cruz do Sul, que passou a denominar sua sede de Casa das Artes Regina Simonis

1996 Regina Simonis falece em Santa Cruz do Sul, no Hospital Ana Nery. É enterrada no cemitério municipal




1996 É inaugurada a Sala Regina Simonis, na Casa das Artes Regina Simonis

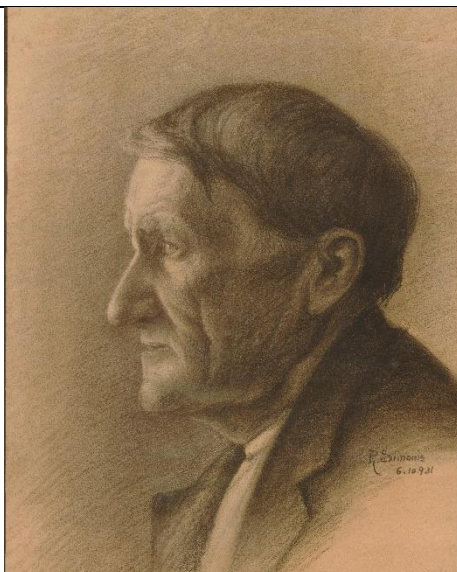
2000 Regina Simonis é citada na Segunda Edição do Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul

2002 É realizado uma solenidade na Casa das Artes, em que o empresário Geraldo Koehler repassou seu acervo à Apesc (Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul), através do Projeto de Captação de Recursos desenvolvido pela UNISC

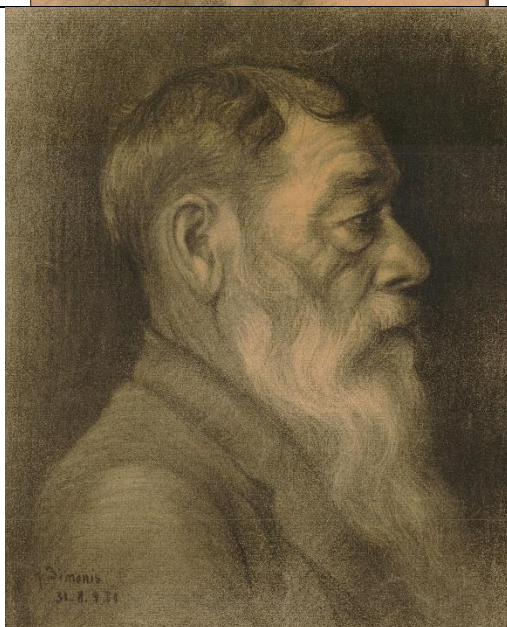
2013 Exposição de Regina Simonis, denominada “Ontem, hoje e sempre”, com o acervo de obras da UNISC

**APÊNDICE B – Inventário das obras**

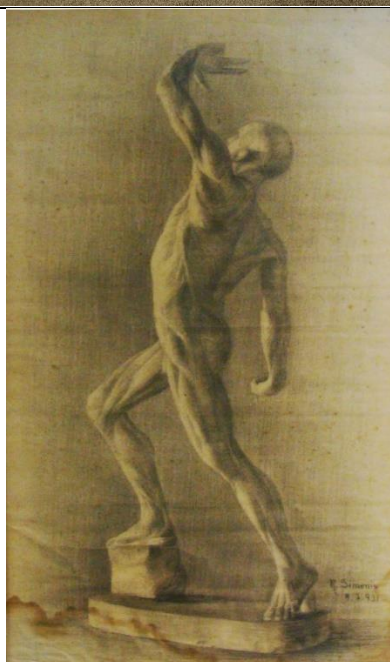
	<p>Regina SIMONIS (1900-1996) Sem título, 1929 Crayon sobre papel, 41 x 32 cm Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil Foto: autora</p>
	<p>Regina SIMONIS (1900-1996) Sem título, 1929 Crayon sobre papel, 62 x 48 cm Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil Foto: autora</p>
	<p>Regina SIMONIS (1900-1996) Sem título, 1929 Crayon sobre papel, 33 x 27 cm Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, Brasil Foto: autora</p>



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 42 x 33 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa  
Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora

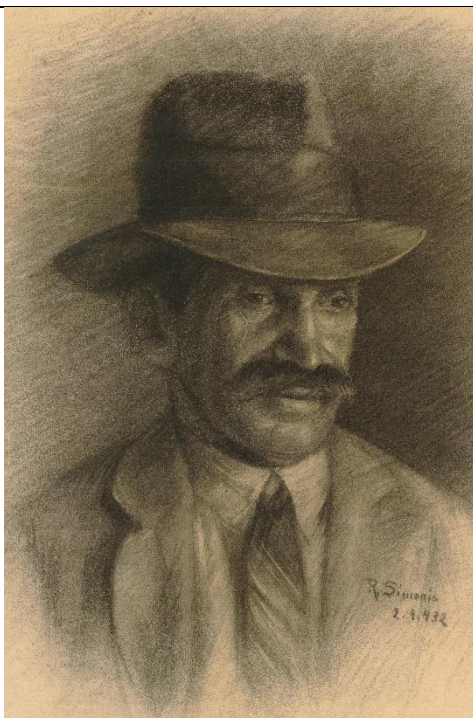


Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 66 x 52 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa  
Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora

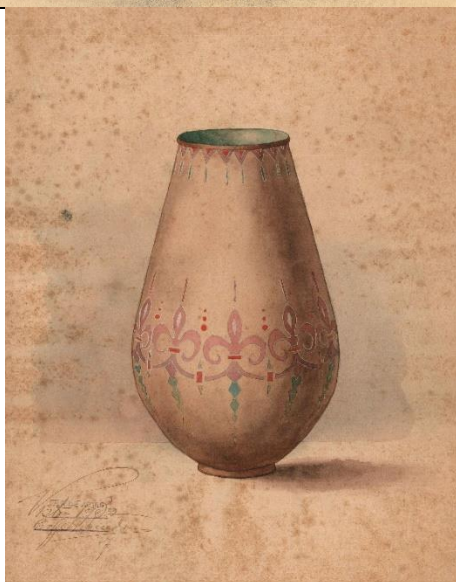


Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1931  
Crayon sobre papel, 60 x 36 cm  
Casa das Artes Regina Simonis,  
Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora

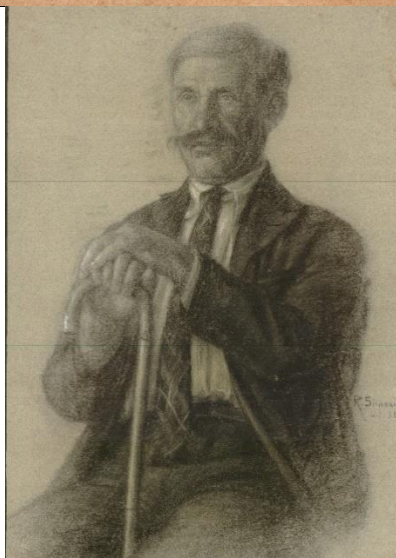




Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1932  
Crayon sobre papel, 52 x 33 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa  
Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1932  
Crayon sobre papel, 46 x 35 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa  
Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



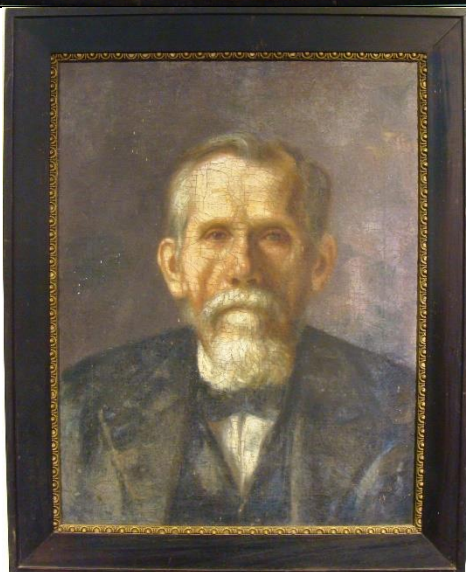
Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1933  
Crayon sobre papel, 59 x 42 cm  
Coleção Guido Koehler, Santa  
Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1933  
Crayon sobre papel, medidas não registradas  
Casa das Artes Regina Simonis,  
Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996)  
*Mãe*, 1934  
Óleo sobre tela, 49 x 38 cm  
Casa das Artes Regina Simonis,  
Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Sandra Richter



Regina SIMONIS (1900-1996)  
*Pai*, 1934  
Óleo sobre tela, 49 x 38 cm  
Casa das Artes Regina Simonis,  
Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Sandra Richter



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1968  
Óleo sobre tela, medidas não registradas  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1972  
Óleo sobre madeira, medidas não registradas  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, 1976  
Óleo sobre madeira, medidas não registradas  
Coleção Guido Koehler, Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996),  
Sem título, 1982  
Óleo sobre tela, medidas não  
registradas  
Coleção Guido Koehler, Santa  
Cruz do Sul, Brasil  
Foto: autora



Regina SIMONIS (1900-1996)  
Sem título, s/d  
Óleo sobre tela, 36 x 52 cm  
Casa das Artes Regina Simonis,  
Santa Cruz do Sul, Brasil  
Foto: Sandra Richter

### APÊNDICE C - Entrevista com Sandra Richter

Entrevista concedida à autora, no dia 30/04/2019, 2h

Marina - Qual é o seu vínculo com a Regina Simonis?

Sandra - Ela é a irmã mais nova do meu avô paterno. Do Afonso Simões. E ela era a irmã mais, acho que uma das mais jovens. Isso quem pode te explicar melhor, assim, o grau, quem era primeiro, quem era segundo... Essas daqui são as irmãs dela ó (mostra foto). A Tarsila, as pintoras... Todas eram pintoras. A Tarsila, a Manoela, a Márcia. Eram quatro freiras, tinha mais uma que eu não lembro.

Marina - Quem pode me ajudar?

Sandra - A Virginia Etges. Ou o próprio irmão da Virginia, lá da pousada.

Marina - Você chegou a conhecer a Regina Simonis?

Sandra - Sim, conheci. Meu pai trazia pra ela tintas. Meu pai era piloto e viajava pra Europa, pros Estados Unidos, trazia pincéis. Eu sei que tinha um outro comandante, que também era daqui, sei que encontrei com a filha dele e ela me disse que o pai dela trazia também. Coisas pra ela (Regina Simonis). Porque ela era assim, muito cuidadosa com os materiais. Tanto que ela disse que... Ela tinha uma caixa dela. E dizia assim: “Eu não vou te dar! Não precisa pensar! Porque vocês só pintam essas coisas modernas, horrorosas...” E eu estava entrando no Instituto sabe... Eu não podia nem imaginar que existia aquela coisa clássica. Quer dizer, podia porque eu via os quadros. “Vocês só borram as telas! Vocês não sabem pintar! Não vão ganhar!”. Então ela era muito cuidadosa com os materiais, com as tintas. Ela me mostrava as tintas. Me mostrava como misturar. Às vezes eu ia lá. A vó pedia: “Vai lá.”. Porque ela vendia flores. Quando eu passava as férias aqui, a vó pedia: “Vai lá na Regina e pega margarida”. Aí eu ia lá buscar as flores. Ela tinha todo um ritual. Ela ia colher... Tinha rosas também. Ela tinha um porão muito úmido, sabe. Cheio de coisas muito úmidas. As flores tudo lá dentro. Ela se mantinha com as vendas de flores. E aí depois ela me deixava subir, pra ver o que ela estava pintando. E ela sempre tinha um cartãozinho do lado. Porque ela trabalhava muito bem com aquela técnica, do quadradinho, que eu nunca me lembro o nome. Ela era exímia copista. Exímia copista. E tinha também aqueles quadros que eram dela. Que ela fazia por ela. Mas ela sempre olhava, e depois eu fui entender. Quem é que nunca olhou? Eu quero saber quem. Se tu vai estudar história da arte... (a entrevistada começou a contar histórias irrelevantes

para a pesquisa) E como eu trabalhava no ateliê com as crianças, com os adolescentes, com a Escolinha de Arte, eu sabia que as ferramentas eram fundamentais. Que tu não faz imagem sem ferramenta. Que agora eu estou puxando a discussão sobre técnica. E aí por exemplo, a grande crítica à Regina, é que ela era uma boa técnica. Ela tinha uma ótima técnica. Ela foi do Ferraz, aluna do Libindo Ferraz. Que era assim, uma escola clássica, neo-clássica. E que prezava a técnica. Por que, qual é a maior dificuldade hoje pra tu pensar em artes, em educação, que é o meu campo? No campo das artes mesmo. É essa ideia de gênio e de dom. Sem técnica, não tem como. Se tu não aprender a fazer, não vai fazer. O Iberê, 50 anos pintando, o que tu acha que ele vai fazer? Entende? O pincel faz parte da carne dele. O ritmo. E vai depender da ferramenta, por que todo artista cuida da ferramenta? A Regina tinha um extremo cuidado com os pincéis. Os pincéis dela tinham que ser de pelo assim, de pelo assado... Ela tinha que ter o corte. Ela cuidava. A espátula não podia ser qualquer uma. Tinha que ser uma lâmina bem flexível. Isso eu lembro que ela observava muito. E hoje eu entendo. Na época, eu achava assim... aquela caixinha dela... deve estar com o Guido. Era tudo importado. E ela sabia que o pigmento importado era melhor. Aqui não tinha. E ela cuidava muito disso. As irmãs dela também. Tanto que dura, porque é um bom pigmento né.

Marina - A Regina Simonis iniciou seus estudos no IBA em 1929, será que já havia outras mulheres artistas de Santa Cruz nessa época?

Sandra - Acho que não. Não sei. No fundo, quem eram as artistas, no caso as irmãs dela, não tinha essa coisa de arte como nós temos. Eu to falando da minha impressão! Havia assim, essa formação... as mulheres pintavam, tocavam piano. Mas eram as freiras. As freiras que eram educadas. As mulheres que não eram freiras... eram urbanas. Viviam na capital, cidades maiores. Elas tinham isso como uma parte da formação delas, pelas freiras. Mas ninguém ia correr para uma galeria pra expor. Elas aprendiam no convento. Que eram ambientes altamente intelectualizados. As Irmãs eram mais ligadas a uma formação mais humanística, mais ligada a pintura, o piano, a literatura, que eram coisas mais femininas.

Marina – Mas a Regina foi a única das irmãs que foi pra Porto Alegre estudar...

Sandra - Não, ela foi porque as Irmãs estavam lá. A Manoela, a Tarcila... Estavam no Bom Conselho. Nos anos 60 a Manuela foi madre lá, quando eu estudei no Bom Conselho. E ela (a Regina) pousava no Colégio. Se hospedou lá por causa das irmãs.

Porque era internato. As meninas que vinham do interior eram empregadas das freiras... Imagino que ela tenha ido... Tem uma foto muito legal dela, que ela tava de melindrosa. Dos anos 20, aqueles vestidinhos... com colar aqui. Ela era toda faceira...

Marina – E a personalidade dela, como era?

Sandra – Ela era muito braba, muito ranzinza. Não sei. Eles (família Simonis) brigavam, brigavam. A minha vó dizia, viviam de rixa sabe? Ela (a Regina) não era uma pessoa muito acessível. Eu nunca entendia o porquê. Depois mais tarde que entendi a relação com o Guido.

Marina – Que relação?

Sandra – Ah, o porque ele ficou com as coisas dela. Eu não entendia. A casa não era dela? Mas ela era muito braba. Mas depois no fim eu fui visita-la no Hospital, a Bruna (filha da Sandra) já era grandinha, eu queria que ela conhecesse a Regina. O meu marido sempre dizia “por que vocês não fazem um vídeo dela?”. Dito e feito, depois ela morreu.

Marina – Pois é, nunca vi vídeos dela. Será que existe?

Sandra – Não! Eu tinha filmadora, na época. Mas sempre tanta coisa pra fazer. Ela morreu em 1996.

Marina – Como você foi adquirindo os quadros dela?

Sandra – Não, é a minha mãe que comprava.

Marina – Enquanto a Regina Simonis ainda estava viva?

Sandra – Era viva. Sim, porque ela cobrava. A mãe pagava sabe, as vezes era uma forma dela pagar os materiais. Tinha uma época que ela não gostava mais de vender as flores. E ela demorava os quadros.

Marina – E era sempre via encomenda?

Sandra – Sim! “Eu quero aquela do anjo”, por exemplo. Aquela figura do anjo da guarda, quase metade da cidade tem. As pessoas escolhiam a gravura que queriam. Isso eu não sei muito como funcionava. O meu imaginário, Marina, ela cobrava sim. Não sei se era absurdo ou simbólico. Só sei porque a minha mãe dizia “ah, eu tenho que pagar a Regina”. E as vezes ela (a mãe da Sandra) comprava pra outras pessoas, que pediam. Muitas foram foras. Tinha uma, que era de uma japonesa horrorosa (risos) foi fora. Muitas se

deterioraram, com as mudanças... Eu peguei aquilo que eu gostava de olhar na minha casa, sabe? Não fiquei com tudo. Tinha uma outra das rosas, das bergamotas maravilhosas... Tinha muita, muita coisa. Acho que seis ou outro tivemos que por fora, porque estragou sabe...

Marina – Ela gostava de pintar os animais, né? Natureza morta também...

Sandra – Ah isso tem aqui! Das maneiras... Um monte! Aquilo ela pintava, as cepas né. A que eu mais gosto é aquela do tacho, do desenho. A gente teve que cortar uma parte, estava muito deteriorado. Aquela ali eu me criei né, na cozinha da minha vó. Tem a ver com a cozinha. Aquele quadro só saiu quando eles morreram. Fiquei 50 anos vendo esse quadro. E eu gosto por ser um desenho. Ela tem muitos desenhos... o Guido que tem muitos. Ela era muito aplicada assim.

Marina – Quais considerações você faria sobre a obra dela?

Sandra – Eu até escrevi isso já. Me pediram. Se eu ainda tenho...

Marina – Isso foi publicado?

Sandra – Sim, foi feito um cartão. Ah, a gente tem que ter tempo pra ver essas coisas. Isso era da Casa das Artes. Mas era uma coisa breve, nem te estressa. Eu escrevi sobre o cuidado dela. Sobre o neo-classicismo dela. Pra mim na época foi bem importante escrever. Me dei conta do imenso trabalho (de Regina). Eu fiz um cartão, eu lembro que fui atrás, pra ver quem foi o professor dela, quem não foi... Se eu achar, te digo. Mas era sobre o cuidado que ela tinha com as flores e a pintura. Era uma forma de ver o mundo também.



## APÊNDICE D – Depoimento de Luiz Etges

Depoimento concedido à autora via e-mail, dia 31/05/2019

### REGINA...UMA MULHER A FRENTE DE SEU TEMPO

Luiz Carlos Etges, nascido em Santa Cruz do Sul dia 07 de novembro, ano 1953.

Sou sobrinho neto de Regina Simonis, uma vez que meu avô Jacob Koehler foi casado com duas irmãs, após enviudar da primeira. Sempre desenhei e pintei desde criança. Não fui um bom aluno pois era obcecado em desenhar, portanto não gostava de estudar, mas, por prazer, compensava na leitura numa época em que poucos da minha idade se interessavam. Tudo que fosse imposto não funcionava comigo.

Autodidata, sou um artista plástico que se tornou estilista por profissão, sem saber absolutamente nada sobre moda; sequer interesse. Houve um longo processo de pesquisas em revistas francesas e italianas, que a casa em que trabalhava (Casa das Sedas) assinava para a minha atualização permanente. Permaneci na mesma até fecharem as portas. Mas o traço já pronto, aos 17 anos. E nos últimos anos dei assessoria na loja Ines Noivas em Novo Hamburgo e POA, dividindo-me entre mostras individuais, salões e coletivas de quadros: mais de quarenta.

Regina era mais alta do que o comum das mulheres da época. Com elegância no porte e extrema discrição no vestir, usava um cabelo chanel por toda uma vida. De um loiro acinzentado natural, tinha humor requintado e convivia bem com as pessoas sem formar vínculos. Extremamente católica, frequentava muito a Igreja, mas não era falsa moralista nem fanática. Por motivos que desconheço, afeiçoou-se a mim, lembrando que na época de maior contato eu era um adolescente e ela uma senhora de certa idade.

Relacionava-se bem socialmente e com os familiares, sendo minha mãe, acredito, a mais próxima. O contato de vendas de quadros dava-se em sua própria casa sem intermediários. Tudo era praticamente sob encomenda. Nunca a vi sem nada para pintar nos 7 anos que frequentei sua casa diariamente. Ela trabalhava no andar de cima, na peça mais iluminada e com melhor vista da casa pela porta. Como não cozinhava, apenas fazia o básico, um chá, caldo ou café. Não lembro de nada além de um fogareiro nesta peça.

Possuía hábitos definidos; pela manhã, mantinha o que hoje seria uma floricultura. Flores frescas cultivadas num imenso jardim colhidas cedo e colocadas em baldes com água cada uma na sua ordem. Vendia muito bem, tinha excelente clientela. E a tarde, a partir das 13h, pintava...o cavalete ao lado da janela. Dizia que ali estava a luz que

precisava. Saí de Santa Cruz do Sul em 1969 e não lembro de nenhuma exposição sua. Tudo aqui relatado são lembranças de um adolescente convivendo com uma artista consagrada a meus olhos em outro momento da vida. Portanto, pode haver falhas de interpretação e memória. Eu era encarregado ano após ano de colher as laranjas do céu, o que detestava pois não tinham fim. Por ironia do destino, apesar da grande diferença de idade, ela e minha mãe faleceram no intervalo de um ano acho, morando juntas no Ana Nery. Portanto, a acompanhei até o fim em visitas ocasionais. Pintava no hospital já com o talento abalado pelas mãos fragilizadas e visão, idem. Ficaram os aromas das flores das tintas e dos frutos. Saudades?... Não. Lembranças.

Luiz Etges

Porto Alegre 31/05/2019

**APÊNDICE E – Entrevista com Leonardo Koehler**

Entrevista concedida à autora, no dia 11/10/2019 – 27 min

Nome: Leonardo Koehler (sobrinho da artista)

Idade: 93 anos

Profissão: Marceneiro

Marina - Primeiramente, qual era seu vínculo com a artista Regina Simonis?

Leonardo - Minha tia? Era irmã da minha mãe. Minha mãe faleceu, aí ela queria casar com meu pai (risos), mas meu pai conhecia ela e casou com a irmã da minha mãe de novo. Compreendeu? A minha mãe faleceu, eu não conheci a minha mãe, ela faleceu e aí o pai casou com a irmã da minha mãe, mas não casou com a Regina. Porque não dava. Ela apedrejou o pai.

Marina - Pois é, ela nunca casou, certo?

Leonardo - Não. Estudou em Porto Alegre. O professor dela era o Pelichek né. Ela frequentava a casa do Getúlio Vargas, aí tinha uma empregada preta, que nem carvão, e falava tudo em alemão. Levaram ela junto pra Alemanha. E assim ela (Regina) contava tudo pra mim. Mas ela tinha muita coisa pra contar, demais até. O que essa mulher sabia tudo, era muito inteligente.

Marina - Você recorda de detalhes sobre sua família? Como por exemplo, a profissão de seus pais, onde estudou na infância...

Leonardo - O pai dela era o Guilherme Simonis, professor de aula em Boa Vista. Ele que construiu o colégio que hoje é o necrotério e ele foi professor durante trinta e cinco anos. Ele e meu pai construíram, ajudaram a construir, a Igreja de Boa Vista, viu? Onde tem um quadro da “última ceia” pintado pela Regina Simonis, embaixo no altar ainda. Meus avós, o Guilherme Simonis, eles tinham cinco gurias e dois rapazes. Um era colono, mas trabalhava mais em coisas artísticas. E o outro era, tinha agência da Chevrolet em Santa Cruz, estudou na Alemanha.

Marina - Você recorda onde a Regina estudou quando pequena?

Leonardo - Colégio Bom Conselho, em Porto Alegre.

Marina - Não foi no São José, então?

Leonardo - Pode ser que ela tenha tido uma passagem, como ela teve a dela em Santa Cruz. A irmã dela, no Coração de Jesus no ano de 1951, ela era reitora aqui. 1951. Não sei se ela foi no São José. Ela sempre falava do Bom Conselho, viu? Elas eram muito inteligentes. Tinha a irmã Márcia, e depois a irmã Tarcila. Ela era diretora em Pelotas. Os Simonis eram muito inteligentes.

Marina - Somente com 29 anos ela entrou no Instituto de Belas Artes, o que será que fez antes disso?

Leonardo - Ela foi pra Porto Alegre mais cedo. Se essa entrevista fosse há dez anos atrás, aí sim...Ela disse assim: “Eu não vou ficar pra casar”. E a irmã dela, a Irmã Tarcila: “Também não vou ficar, porque se nós também casarmos com os colonos aqui, é um filho atrás do outro, e não tem a menor graça. Então vamos ficar freiras”. Naquele tempo tinha que ter dez, doze, quinze filhos né.

Marina - Tu recordas dela conversando sobre o Instituto de Belas Artes?

Leonardo - Ela sempre falava do pintor russo. Aí o Getúlio chegou “dona Regina”. O Getúlio Vargas. “A senhora vai ter que dar uma mão pra minha filha mais nova, pra ela pintar que nem a senhora”. Aí ela sempre dizia: “Leonardo, eu me interessei muito, viu. Pela filha mais nova dele. Me dava bem com ela. Mas três meses de estudo eu vi que não adiantava. Aí o Getúlio perguntou um dia: “o que tu acha? Ela pode ter tendências pra fazer pintura?”. “Senhor Getúlio Vargas, ela não tem nenhuma habilidade para pintura. Nenhuma.” E dizem que esse professor russo era... olha, era um professor...

Marina - O Francis Pelichek será? Na verdade, ele era tcheco.

Leonardo - Ah, Tchecoslováquia. Sabe que a Igreja, na Catedral, que tem atrás do altar aquela pintura, na parede, grande, foi meu sogro que fez. (o entrevistado começou a contar histórias irrelevantes para a pesquisa)

Marina - Como a Regina Simonis chegou a conhecer o Getúlio Vargas?

Leonardo - Nos estudos do Colégio. Antigamente eles botavam essas gurias quase tudo em colégios católicos. Elas estudavam ali e faziam relações. Teve muitas relações com Getúlio Vargas.

Marina - Após receber seu diploma em Porto Alegre, Regina volta pra Santa Cruz pra morar com seus pais. Ela exerceu alguma outra profissão?

Leonardo - Não. Ela ia morrer de fome se não fosse pelo meu pai. Meu pai era cunhado dela. E ele dava comida pra ela. (neste momento, chegou uma visita na casa do entrevistado e tive que pausar a gravação)

Quem tinha relações com ela era meu irmão Guido e eu. Ele tem todas as relíquias dela. Qualquer coisa era comigo. Ela pintava aquelas bandeiras que eles usavam nas Igrejas antigamente, aí eu tinha que fazer uma vara pra ela. O tamanho da bandeira, dessa grossura, com a madeira mais leve que existia, porque era por peso que ela levava pra Santa Catarina as bandeiras. E aí então eu fazia aquelas varas redondas, a mão, enrolava a bandeira e despachava ela. Eu fazia muito... esses medalhões de bandeira. Tudo fui eu que fiz pra ela. Nunca cobreí nada. Eu tenho muitos quadros dela aqui. Eu tinha muitas relações com ela viu, mas com cuidado. Eu sempre cuidava. Ela era minuciosa até o extremo. Minúcias. Era “aliii”. Não tinha escapatória nem pra cá nem pra lá. Era ali, tudo e tudo. “Arroz branco a gente deve mastigar tantas vezes no lado direito”.

Marina - Até com isso? Pensei que ela era assim somente com a pintura...

Leonardo - Em tudo, tudo. Em caminhar... Tudo era perfeito. Eu conhecia ela, então eu só dava razão... “tá, tá”. Eu nas sextas-feiras ia no hospital, ela tinha uma vizinha lá. (o entrevistado começou a contar histórias irrelevantes para a pesquisa)

Marina - A Regina viveu no Hospital Ana Nery por alguns anos, certo?

Leonardo - Meu irmão, o Guido Koehler, ele até levou dentista lá no hospital para arrumar os dentes dela. Agora, ela era chata (risos).

Marina - Me conte alguns traços da personalidade dela...

Leonardo - Olha, como é que eu vou te dizer... Quando ela recebeu o título de Santa Cruz, eu tive que sentar do lado dela. “O que que adianta eu ganhar o título, esse papel aqui, eu com minha idade agora... esse título aqui não vale nada” (risos). “Isso aqui não vale nada! Isso aqui já deveriam ter feito há muitos anos, eu agora to acabada”. Também né, era o fim da vida dela. Pra ela isso era superficial. O fundamento dela era a religião. A existência do momento, a religião, ela não queria nada superficial. Tudo tinha que ser categórico, é assim e acabou. Ela dizia, ela não mandava dizer. O que tinha que dizer ela dizia. Lá em casa, ela vinha ao meio dia almoçar. O pai dava almoço pra ela. Porque ela não ganhava muito com as pinturas né. Aí o almoço tinha que ser a comida feita assim, assim. Se não ela reclamava. Aí ela reclamou... “Leonardo, eu preciso de tinta pra pintar.

E essa tinta é só na Alemanha. Tu não tens condições de arrumar uma pessoa”. Era durante a Guerra ainda. A Segunda Guerra Mundial. “Tu não tens condições de arrumar uma pessoa que vai a viagem, uma pessoa do governo, que vá a Europa que pode me trazer tinta?” Eu digo que tem a prima da minha mulher. Ela era aeromoça e vai até Portugal. “Sim, mas em Portugal tu pode encontrar isso que eu quero”. E encontrou. Aí sim... ela ganhou uma tinta. Depois da Guerra, os americanos arrancaram aquela fábrica de tintas e instalaram ela nos Estados Unidos, aí ela ficou contente. “Agora sim! Agora posso mandar vir dos Estados Unidos, agora eu posso ter tinta na porta da minha casa”. Mas aí ela morreu (a Regina). Ela pintava em cima de linho né. Aí tinha que fazer uma armação que tu podia espichar o linho. Isso eu fazia pra ela. Isso só um técnico em marcenaria que podia fazer. Fiz todas as armações pra ela e nunca cobre nada, viu. Espichava o linho. E o linho tinha que ser da Alemanha. Só o linho da Alemanha servia pra pintar. Ela era muito minuciosa. Pena que essa entrevista não foi há dez anos atrás. Eu já esqueci muita coisa, viu. Eu tenho uma memória boa, mas... (o entrevistado citou um poema).

Marina - Tens alguma lembrança significativa com a Regina Simonis?

Leonardo - Tenho. Quando eu casei, a minha mulher estava com o pé destroncado. Aí eu convidei as pessoas e eu disse pra Regina: “Eu vou te convidar por intermédio de outras pessoas porque a minha mulher não pode caminhar até aqui. No dia que nós vamos pra Igreja, vai ter um ortopedista junto com ela, pra ela poder caminhar”. Ela não foi no casamento. Chegou lá e xingou, botou a boca no mundo viu. Mas depois ela também esqueceu né. Mas xingou... Aí eu também xinguei ela né (risos).

Marina - Ela era mesmo uma pessoa muito séria, né?

Leonardo - Muito, muito séria. Tudo era sério pra ela. Nas fotografias com os parentes, dos familiares, dos pais, tudo era sério. Com ela não tinha coisas assim... bobagens! Pra ela isso não existia. Eu queria que tu conhecesse a Regina Simonis. Quando de noite chovia, eu tinha que ir lá na casa dela dormir com ela. Ela tinha medo de raios. Morava lá onde é que hoje é o Banco do Brasil. Pois é, eu tinha que dormir com ela de noite. Quando chovia, toda noite eu tinha que ir lá. E aí nem guarda-chuva tinha.

Marina - Teve alguns outros entrevistados comentando que ela tinha uma espécie de floricultura na casa dela.

Leonardo - Ah, sim... A paixão dela era flores! Essa era a paixão dela. Ela tratava bem as flores. E de cada flor ela fazia uma história. Se ela começava a contar das flores, era uma história “compriiiiiida” de uma flor. Agora se tu tem dez flores...Ela não ficava pronta nunca (risos).

Marina - Então ela intercalava o tempo entre a pintura e as flores...

Leonardo - É, as flores... e um gato! O gato então, como é que ele come... come devagar, não come ligeiro. Depois que ele comeu, o que ele faz... onde ele vai... Aquele gato tinha uma história também. Ela era (a Regina) da natureza. Agora muito inteligente. Em pintura... eu vou te mostrar uns quadros.

Marina - Como você adquiriu os quadros dela?

Leonardo - Eu ganhava de graça, porque eu fazia as madeiras. Eu cortava as madeiras e nunca cobre nada. E aí ela sempre perguntava assim: “Leonardo, como vai teu jardim zoológico? Tu tem lebre?” Lebre eu não tenho. “Ah, então eu vou te pintar. E tu tem cavalo xucro?” Então cada vez que ela ia lá, ela me dava um quadro.

Marina - Se você fosse resumir a Regina Simonis em uma palavra, qual seria?

Leonardo - Eu sei o que eu poderia dizer pra ela. Ela era um fenômeno. Fenômeno é a palavra.

## APÊNDICE F – Entrevista com Guido Koehler

Entrevista concedida à autora, no dia 23/10/2019 – 54 min

Nome: Guido Koehler (sobrinho da artista)

Idade: 79 anos

Marina – Qual era seu vínculo com a artista Regina Simonis?

Guido – Minha tia. Por parte de mãe. Ela é Simonis e eu sou Koehler.

Marina – Você recorda onde a Regina estudou durante sua infância?

Guido – Ah, foi em Boa Vista, na escola que o pai dela era professor. Ficada ao lado da casa onde eles moravam. Tinha uma pequena casa ali que era servido de escola de alfabetização. Meu avô que era o professor. E também acho que ele... tinha um coral também. Porque eu estou indo assim... por intuição. Muita coisa eu não posso saber porque eu não tinha nem nascido. Então não posso te dar uma informação exata. Mas acho que era isso... era a única escola que tinha naquela localidade. Ele (Guilherme Simonis) já tinha uma certa cultura em função do pai dele, o Peter Constantin Simonis. Provavelmente... chegava num certo ponto em que a pessoa não estudava mais, ou vinha pra cidade ou vinha pro seminário, que era o caminho mais normal das pessoas irem. Em princípio, nessas localidades católicas... o caminho mais... era o seminário. Quer dizer, eles recebiam instrução...eles tinham problema de higiene e tudo... no interior só ficava aqueles que não queriam estudar. Por exemplo, a minha mãe não estudou, o Emílio também não. Então o ambiente lá era assim.

Marina – E durante a juventude, ela foi pro Colégio São José?

Guido – É. O problema é o seguinte, o panorama assim, no interior, como te falei, as famílias eram numerosas. E realmente, a dificuldade de manter essa “tropa” toda... era complicado. No caso específico dela, a irmã mais velha foi pro Colégio. As gurias iam lá pra estudar e tinha um internato. Recebiam alimentação e recebiam aula. E aquelas que eram mais competentes, mais inteligentes, eram promovidas a professora. E tanto é que a irmã mais velha ficou madre. Que era superior nos colégios. Então ela (Irmã Tarcila) estudou lá no São José. Elas se assumiram como religiosas, faziam os votos perpétuos. E aí evidentemente que isso aí atraía mais do que ficar na cidade ou no interior. Como eles não tinham o seminário, era o melhor caminho. Então todas as irmãs dela (da Regina),



acho que eram sete, cinco foram pro Colégio. A Regina foi pra lá. Só que ela não sentiu a vocação, como se chamava. Ela não tinha vocação pra religião. Então ela trabalhava no Colégio, de certo fez o curso secundário lá, pra se manter. Provavelmente ela tinha um trabalho pra fazer lá, agora que trabalho eu não sei. Mas com isso ela pôde cursar a Escola de Artes, com apoio das Irmãs. Principalmente a irmã mais velha. Mas especificamente eu não sei se ela fez o segundo grau ou apenas do interior ela foi direto pro São José, no São Leopoldo.

Marina – No Bom Conselho ela também estudou?

Guido – Ah, daí depois de lá (São Leopoldo) a Madre Manoela foi pro Colégio Bom Conselho e levou ela junto. Porque ela não ia ficar lá em São Leopoldo, não tinha a escória da irmã. E de lá ela já aproveitou pra fazer o Belas Artes. Ficava no Bom Conselho, trabalhava, e depois estudava pintura lá no Belas Artes. Mas ela já tinha, assim, no Bom Conselho, as Irmãs que davam aula de desenho. Ela já tinha uma boa base. Então só algumas técnicas que ela aprendeu com o Pelichek, entre outros. Tinha um tal de Libindo Ferrás que ela não gostava muito. Mas tantas coisas... aí depois veio a segunda fase. Ela teve que tomar uma decisão porque não podia ficar escorada o tempo todo lá. Então ela veio pra Santa Cruz ajudar a cuidar dos pais e ao mesmo tempo ela viu que a pintura não dava pra se manter. Aí ela tinha uma irmã que morava no interior, que era a Amália. Viúva, não teve filhos, então ela ajudou a tia (Regina). A tia alugou uma peça aqui, uma casa, ao lado do Banco do Brasil ali. E construíram uma casa na Thomaz Flores. E a mãe ajudou ela também... todo dia eu levava comida pra ela. Uma vianda. A mãe cozinhava e eu era encarregado de levar. E ela começou a pintar alguma coisa, muito pouco. E se dedicou mais a fazer arranjos de flores, que isso era o que mantinha ela.

Marina – Ela fez como se fosse uma floricultura?

Guido – Não, ela fazia coroas pra velórios e pessoas que encomendavam. Fazia uns arranjos muito bonitos, mas não era uma floricultura. Ela tinha umas freguesas que ajudavam ela, que encomendavam. Mas é isso aí. E eu também, depois que comecei a trabalhar, também ajudava. Aí deixaram a casa pra mim. Com usufruto. Mas eu também assumi ela até ela morrer. No Ana Nery tinha um espaço de geriatria. Eu consegui um quarto pra ela. Ela ficou lá até morrer.

Marina – Como foi o processo da compra das obras, ela chegou a se tornar conhecida em Santa Cruz?

Guido – Olha, conhecida mesmo, ela não tinha assim...Em primeiro lugar, ninguém dava bola pra isso. Pouca gente, um ou outro. Uns irmãos meus, que tinham mais recursos. Uns três compravam alguma coisa dela. Até que um dia... é aquela história que eu já contei. Ali no Banco, veio um casal. Eu sei que ela trabalhava no Banco e tinha também o curso de Belas Artes. E o marido dela era jornalista e foi trabalhar na Gazeta do Sul. E ela no Banco. Aí um dia eu levei um quadro pro Banco, pra mostrar pra ela. Eu me lembro que nesse quadro tinha um negrinho comendo melancia. Não disse nada, deixei na gaveta, na escrivaninha dela. Ela abriu, olhou... “Não vai me dizer que isso aqui é a tua tia! Essa mulher é um talento!”. Aí ela falou pro marido dela e eles foram fazer uma matéria. A primeira matéria que saiu no jornal. E aos poucos assim... Ela despertou a curiosidade e um ou outro começou a se interessar em fazer alguma coisa, descobrir uma coisa a mais. Mas aí ela já não tinha mais aquele “pique”. Ela pintava basicamente flores, vendia tudo!! Conseguiu ganhar um pouco de aposentadoria, mais a minha ajuda e mais as pinturas... ela sobreviveu bem.

Marina – Você se lembra do nome desse casal?

Guido – Pois é, aí que tá. Eu to tentando descobrir. Se eu não me engano o nome dele era Mauro, eu não tenho certeza. Pensei já, muito. Eu sei que ele não ficou muito tempo em Santa Cruz.

Marina – Como ela adquiria os pincéis e tintas?

Guido – Ah, isso aí era contatos que ela tinha na cidade com pessoas que iam pra Alemanha. Principalmente de lá que ela mandava vir as tintas e os pincéis. Então, eu sei que o vô do Bruno Agnes trazia pra ela. Ela tinha muitas pessoas conhecidas. Agora os detalhes maiores eu não sei.

Marina – Você foi o herdeiro da obra de Regina. Me conte mais sobre sua decisão de doar parte do material para a Casa das Artes.

Guido – Olha, ela já tinha falecido. E eu pensei comigo: “se eu ficar com esses quadros, todos pra mim, isso aí vai ser pulverizar com o tempo”. Tu nunca sabe. Aí fui lá, perguntei pro pessoal. Me disseram que tinha a lei de incentivo à cultura. Uma empresa pode fazer uma doação... Aí eu consegui. Eu tinha um sobrinho meu, que tinha uma indústria gráfica em Porto Alegre. E eu fiz uma seleção dessas obras. Eles fizeram um projeto. Fizeram um álbum com as fotos, ficou muito bonito.

Marina – Sobre o IBA, ela comentava alguma coisa? Sobre o Pelichek ou as colegas?

Guido – Não, ela não dava muita bola sabe. “Pintor é o que morre de fome” ela sempre dizia. Tanto é que esses quadros (aponta para a parede) estavam meio atirados no porão dela. Ela se decepcionou muito. Até quando eu levei aquele jornal (primeira reportagem sobre Regina Simonis), ela falou “só depois de velha vocês querem saber coisa de mim, antes ninguém se interessou”. Ela era assim. Certas coisas não ligava muito. Tinha pessoas que iam lá, querendo saber dicas de pintura. “Ou a gente nasce com o dom, ou desiste, eu não tenho nada pra ensinar”. Evidente que quando eu nasci, ela já tinha quarenta e poucos anos. Então eu não tive um convívio muito... Porque o que eu sei, é que ela gostava muito de mim.

Marina – Engraçado que somente com 29 anos ela iniciou o curso de Belas Artes...

Guido – Olha, talvez ela não tivesse oportunidade né. Porque eu não sei se o Belas Artes era pago, provavelmente. Até que ela conseguiu encaixar lá. O que eu sei é que as irmãs freiras dela também eram um talento pra pintura. Elas pintavam... já tinham no sangue. Então sem fazer o curso, já tinham pinturas muito bonitas. Eu acho que ela ficou no São José todos esses anos pra trabalhar lá e aprender pintura. Até que a irmã Manoela foi pra Porto Alegre e ela (Regina) foi junto. Mas como eu te falei, eu to indo por intuição. Ela não ia ficar lá no Colégio sem a proteção e a benção da irmã dela. Agora é difícil né, tu entrar no mérito d questão, descobrir tudo que aconteceu...

Marina – Comente a personalidade dela.

Guido – Ah, sabe que ela tinha uma personalidade muito forte. E outra, como vou te dizer, ela era uma fanática religiosa. Ela não admitia nada que não fosse da Igreja Católica. Tanto é que lá no Hospital tinha uma mesinha, que até acho que esta no Pró-Cultura, que tinha um guardanapo de crochê e eu não podia nem botar a mão ali. O padre vinha e colocava a hóstia ali. Coisas assim... Outra vez eu doeie um quadro pro Museu do Mauá, não tinha nada dela lá. Ela ficou sabendo por alguém e meu deus... “Aquilo lá é coisa de protestante”. Uma rivalidade... Incrível, ela teve essa educação e aquilo enraizou nela e não teve como tirar da cabeça dela. Eu dizia muita coisa na lata dela mas não adiantava. “Tu acha que todos os padres são santos?” (risos).

## ANEXO A - Carta da Irmã Agostinha para Regina Simonis

Transcrição da carta feita pela autora, dia 20/06/19.

\*Os pontos de interrogação que estão entre parênteses são palavras ou frases incompreendidas pela autora.

São Leopoldo, 9 de fevereiro de 1964.

Querida Regina.

Antes de tudo quero reparar a minha falha de não ter acusado o recebimento de tua querida carta que o Chris (?) me trouxe com minha pontualidade. Perdoa-me, sim? Sei que da minha parte foi uma ingratidão pois és a única mana que me escreve pessoalmente pelo natal. Por outro lado, também trouxe uma prova da minha velhice que vem avançando com passos de gigante.

Quando Madre Aldema veio festejar o seu jubileu aqui em São Leopoldo ela já me disse na hora da chegada: “Trago uma carta de Regina na nossa mala”. Muito obrigada por todas as informações e por todas as notícias.

Quanto ao assunto da correspondência com o pároco de K(?) na Alemanha, sou da tua opinião, isto é, calculo que da parte dos (?) não vou encontrar muito interesse, pelo motivo que tu já mencionaste na tua carta. Eu casualmente tinha uma fotografia das nossas 6 tias que o pároco pediu. Mandei-a junto com uma carta na qual lhe dei as informações alusivas. Conte-lhe também alguma coisa sobre o histórico dos primeiros emigrantes alemães e das nossas primeiras Irmãs aqui no Rio Grande do Sul. Talvez ele já se satisfizesse com isto e por isso acho bom esperar ainda um pouco para avisar o primo Willibaldo.

Irmã Manoela voltou muito entusiasmada de Santa Cruz. Parece-me que ela gostou muito deste passeio. A catedral ela achou uma maravilha, a parte nova do Colégio também. Ela está muito interessada para acabar alguns modelos de pintura para ti. Eu sou mais pobre do que rato de igreja e além disso, não tenho pintado nos últimos anos, só me dedico ao desenho; mas em todo o caso, se eu encontrar alguma coisa, terei prazer em auxiliar-te. O santinho: Regina Mundi (?) também não encontramos ainda. Irmã Teresa está tão interessada nisso que até foi perguntar para o Padre capelão se ele não podia conseguir uma lá na Faculdade, ao que ele respondeu prontamente que vai fazer todo o possível.

No dia 10 festejamos os 80 verões da Irmã Teresa. Ela está muito faceira por ter alcançado esta meta. Dei-lhe o teu abraço de felicitação pelo que se sentiu bem honrada.

Tenho me lembrado muito de nossa querida irmã Tarsila. As vezes me parece que devo ainda encontrar uma carta dela sobre a mesa de trabalho. A última carta que lhe escrevi depois que voltei de Cruz Alta ela não recebeu mais. Conforme Madre Andina me escreveu as nossas cartas chegaram lá no dia do enterro. Uma da Irmã Manoela, outra tua e a minha. Não achas que isto foi uma estranha coincidência? Gostei que conseguiste mandar flores para a sepultura da mana. Irmã Alayde também me escreveu uma carta muito bonita. Ela é da minha idade e somos muito amigas desde os tempos da falecida Madre Benicia no Bom Conselho. Ela é da família Taborda de Bagé. Esta Irmã esteve no Colégio Espírito Santo naquela ocasião em que nossa Irmã Márcia teve o derrame cerebral.

Há pouco tempo tive ocasião de falar com a Irmã Bertrada (?) no (?). Fui-lhe ao encontro e ela muito querida me disse: “Ich (?)” Vi logo que ela tinha me confundido contigo e corrigi: “(?)” Em seguida ela ficou olhando para mim. Ela está bastante envelhecida e já está com os cabelos brancos.

Sabes que a Irmã Anita vai festejar seu jubileu de brilhante no dia 7 de setembro. Ela tinha se alegrado tanto por poder festejar com todas as jubilaires do ano aqui no Colégio São José. Mas quem não compareceu no dia 3 foi ela, porque pouco tempo antes Nosso Senhor lhe mandou uma cruz bem grande: Quebrou uma perna e tiveram de levá-la para a Santa Casa onde ela se encontra ainda. Irmã Clarissa e Irmã Aloísia tem jubileu de ouro em julho e Irmã Edelbrudio em dezembro. Irmã Elisana vai festejar o de diamante, mas não me lembro bem em que mês. Estas todas eram grandes amigas da Irmã Tarsila. Esta vai agora festejando os restantes jubileus lá em cima e nós é que vamos ficar olhando. Estou me lembrando que tu também tens seu jubileu este ano.

Na semana passada o (?) P. Miguel Meier fez uma ligeira visita aqui no Colégio São José. Atualmente ele está em Santa Catarina e diz que está fazendo um tratamento e que o clima de lá esta fazendo bem. Mandou saudações especiais para ti. Relembrou suas visitas na Vila Gertrudis e também as lições de português.

Graças a Deus, nos últimos dias tem (?). Agora dá a minha vez para viver.

Envio saudações a toda a nossa gente.

Abraça-te a mana que muito te quer.

Irmã Agostinha

## ANEXO B – Termos de Consentimento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação no Bacharelado em História da Arte – Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do(a) professor(a) PAULO GOMES, cujo objetivo é resgatar a trajetória de vida e o legado artístico de Regina Simonis (1900-1996).

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1h.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será informada, de acordo com sua anuência e serão omitidas todas as informações pessoais que não se refiram à pesquisa.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do tema estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) solicitante e com as instâncias e/ou pessoas por ele indicadas.

Atenciosamente

Marina Trindade 30/04/19 Santa Cruz do sul  
Nome e assinatura do(a) estudante Local e data  
Matrícula: 00244779

Paulo Gomes  
Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)  
Matrícula: 00011943

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

Andrés Beltrán 30/04/19 Santa Cruz do sul  
Nome e assinatura do participante Local e data

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação no Bacharelado em História da Arte – Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do(a) professor(a) PAULO GOMES, cujo objetivo é resgatar a trajetória de vida e o legado artístico de Regina Simonis (1900-1996).

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de \_\_\_\_\_.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será informada, de acordo com sua anuência e serão omitidas todas as informações pessoais que não se refiram à pesquisa.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do tema estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) solicitante e com as instâncias e/ou pessoas por ele indicadas.

Atenciosamente

Mariana Trindade  
Nome e assinatura do(a) estudante

11/11/19 Porto Alegre  
Local e data

Matrícula:

Paulo Gomes  
Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)  
Matrícula: 00011943

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

[Assinatura]  
Nome e assinatura do participante

11/11/19  
Local e data

Porto Alegre

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação no Bacharelado em História da Arte – Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do(a) professor(a) PAULO GOMES, cujo objetivo é resgatar a trajetória de vida e o legado artístico de Regina Simonis (1900-1996).

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1h.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será informada, de acordo com sua anuência e serão omitidas todas as informações pessoais que não se refiram à pesquisa.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do tema estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) solicitante e com as instâncias e/ou pessoas por ele indicadas.

Atenciosamente

Marino Tomada 11/10/19 SCS  
Nome e assinatura do(a) estudante Local e data

Matrícula:

Paulo Gomes  
Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)  
Matrícula: 00011943

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

Leonardo Barbosa 11/10/19 SCS  
Nome e assinatura do participante Local e data



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação no Bacharelado em História da Arte – Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do(a) professor(a) PAULO GOMES, cujo objetivo é resgatar a trajetória de vida e o legado artístico de Regina Simonis (1900-1996).

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1h.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será informada, de acordo com sua anuência e serão omitidas todas as informações pessoais que não se refiram à pesquisa.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do tema estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) solicitante e com as instâncias e/ou pessoas por ele indicadas.

Atenciosamente

Marina Lindoede      23/10/2019      Santa Cruz  
Nome e assinatura do(a) estudante      Local e data      do Sul  
Matrícula: 00244779

Paulo Gomes  
Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)  
Matrícula: 00011943

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

x Luiz Moeller      23/10/2019  
Nome e assinatura do participante      Local e data